

**LOCUS/PARTNER RH  
CONSULTORIA, DESENVOLVIMENTO E PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS LTDA.**

**A APLICAÇÃO DO JOGO PSICODRAMÁTICO NO PROCESSO DE  
DESENVOLVIMENTO DO PAPEL PROFISSIONAL:  
UMA EXPERIÊNCIA COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

**VANESSA TAVARES WILKE**

Florianópolis

2011

**VANESSA TAVARES WILKE**

**A APLICAÇÃO DO JOGO PSICODRAMÁTICO NO PROCESSO DE  
DESENVOLVIMENTO DO PAPEL PROFISSIONAL:  
UMA EXPERIÊNCIA COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

Monografia de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Formação Psicodrama LOCUS/PARTNER RH como requisito para obtenção do título de Especialista em Psicodrama Nível 1, Foco Sócio-Educacional.

Orientadora Professora Msc. Márcia Pereira Bernardes

Florianópolis

2011

**VANESSA TAVARES WILKE**

**A APLICAÇÃO DO JOGO PSICODRAMÁTICO NO PROCESSO DE  
DESENVOLVIMENTO DO PAPEL PROFISSIONAL:  
UMA EXPERIÊNCIA COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Especialista em Psicodrama Nível 1, Foco Sócio-Educacional, e aprovado em sua forma final pelo curso de Formação em Psicodrama LOCUS/PARTNER RH.

Florianópolis, 15 de agosto de 2011.

---

Msc. Márcia Pereira Bernardes  
Professora Orientadora/Coordenadora  
LOCUS/PARTNER RH

---

Msc. Viviane de Oliveira Almeida  
Psicodramatista Didata Supervisora  
Professora Convidada

---

Dra. Fabiane Silveira Martins  
Psicodramatista  
Professora Convidada

---

Maria Luiza Vieira Santos  
Psicodramatista Didata Supervisora  
Professora Convidada

## RESUMO

Este trabalho refere-se às contribuições do método psicodramático no desenvolvimento do papel profissional, indagando-se como a aplicação do jogo psicodramático pode contribuir no processo de desenvolvimento do papel profissional de um grupo de pessoas com deficiência visual. Para tanto, buscou-se compreender quais as contribuições da aplicação do jogo, assim como identificar e verificar o que é facilitador e dificultador na aplicação dos jogos com pessoas desprovidas do sentido da visão. Para atingir tais objetivos foram realizados 6 encontros com um grupo de educandos da Associação Catarinense para Integração do Cego, ocorridos entre os meses de outubro e dezembro de 2010. O trabalho caracterizou-se por uma pesquisa qualitativa, exploratória, modalidade pesquisa-ação, com amostragem não-probabilística. Afirma-se que os objetivos traçados foram alcançados. A aplicação do jogo psicodramático efetivamente contribuiu no desenvolvimento do papel profissional, possibilitando a quebra de conservas culturais e o crescente movimento das pessoas com deficiência visual no sentido de serem mais espontâneas e criativas. Os jogos também permitiram aos sujeitos avançar com relação ao discernimento sobre seu universo interno, de seu conjunto de papéis, possibilitando a identificação de seus pontos fortes e fracos, suas habilidades e dificuldades, assim como a tomada de consciência sobre sua forma de pensar, sentir e agir.

Palavras-chave: Jogo psicodramático. Papel profissional. Deficiência visual.

## **ABSTRACT**

This work refers to the contributions of the method psychodramatic in developing the professional role, inquiring as to the implementation of the game psychodramatic may contribute in the process of developing the professional role of a group of people with visual disabilities. For both, the objective was to understand what the contributions of the application of the game, as well as to identify and verify that is facilitator and that is hampered the implementation of the games with people deprived of the sense of vision. To achieve these objectives were achieved 6 meetings with a group of learners of the Association Catarinense for Integration of the Blind, occurring between the months of October and December 2010. The work has been characterised by a qualitative research, exploratory, modality action research, with sampling non-probability. It is said that the objectives determined were achieved. The application of the game psychodramatic effectively contributed to the development of the professional role, allowing the breaking of preserved cultural and the growing movement of people with visual disabilities to be more spontaneous and creative. The games also allowed the subjects advance with respect to the discernment of their universe internal, of its set of roles, allowing the identification of their strengths and weaknesses, their skills and difficulties, as well as the awareness of their way of thinking, feeling and acting.

**Key Words:** Game psychodramatic. Professional Role. Visual Disabilities.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Identificação dos participantes da pesquisa .....	59
Quadro 02 - Relação do eu profissional ideal dos participantes .....	63
Quadro 03 - Relação dos aspectos apresentados no ano de 2010 .....	64
Quadro 04 - Relação dos itens solicitados e ofertados à loja mágica .....	71
Quadro 05 - Relação dos itens solicitados e ofertados à loja profissional .	76
Quadro 06 - Mensagens dos educandos .....	92

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
1.1 ORIGEM DO TRABALHO .....	10
1.2 TEMA .....	11
1.3 PROBLEMÁTICA .....	11
<b>1.3.1 Problema de pesquisa .....</b>	<b>12</b>
1.4 OBJETIVOS.....	12
<b>1.4.1 Objetivo geral .....</b>	<b>12</b>
<b>1.4.2 Objetivos específicos .....</b>	<b>13</b>
1.5 JUSTIFICATIVA .....	13
1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO .....	15
<b>CAPÍTULO 2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>16</b>
2.1 DEFICIÊNCIA – HISTÓRIA E CONCEITUAÇÃO .....	16
<b>2.1.1 Aspectos globais da deficiência .....</b>	<b>21</b>
<b>2.1.2 Conceito de deficiência .....</b>	<b>23</b>
<b>2.1.2.1 Deficiência visual .....</b>	<b>24</b>
<b>2.1.3 Movimentos sociais e políticas públicas para pessoas com deficiência .....</b>	<b>26</b>
2.2 PSICODRAMA .....	30
<b>2.2.1 Socionomia .....</b>	<b>31</b>
<b>2.2.2 Teoria dos papéis .....</b>	<b>32</b>
<b>2.2.3 Matriz de identidade e desenvolvimento humano .....</b>	<b>39</b>
<b>2.2.4 Outros conceitos psicodramáticos .....</b>	<b>44</b>
<b>2.2.5 Sessão psicodramática .....</b>	<b>47</b>
<b>2.2.6 Técnicas psicodramáticas .....</b>	<b>51</b>
2.3 JOGOS PSICODRAMÁTICOS .....	52
<b>CAPÍTULO 3 METODOLOGIA .....</b>	<b>56</b>
<b>CAPÍTULO 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS ENCONTROS .....</b>	<b>59</b>
<b>CAPÍTULO 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES .....</b>	<b>93</b>
REFERÊNCIAS .....	97
APÊNDICES .....	101

<b>APÊNDICE A – Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido (sujeitos da pesquisa) .....</b>	<b>102</b>
<b>APÊNDICE B – Modelo de termo de consentimento livre e esclarecido (autorização da Entidade) .....</b>	<b>103</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>104</b>
<b>ANEXOS A – Texto utilizado: O pote rachado .....</b>	<b>105</b>
<b>ANEXOS B – Texto utilizado: O vendedor de balões .....</b>	<b>106</b>
<b>ANEXOS C – Texto utilizado: De olho nas metas .....</b>	<b>107</b>
<b>ANEXOS D – Texto utilizado: Acreditar e agir .....</b>	<b>108</b>



## CAPÍTULO 1 INTRODUÇÃO

O Curso de Formação de Psicodrama da escola de psicodrama LOCUS/PARTNER RH apresenta em sua estrutura curricular o desenvolvimento de uma pesquisa científica como forma de finalização desse percurso acadêmico e como critério para o requerimento do certificado de conclusão, caracterizado pela obtenção do título de Especialista em Psicodrama Foco Sócio-Educacional.

O interesse da acadêmica em desenvolver o tema desta pesquisa é anterior ao início do trabalho científico. E para isso, faz-se necessário alguns esclarecimentos como o fato da pesquisadora em questão possuir deficiência visual e ser associada da Associação Catarinense para Integração do Cego – ACIC.

Ao longo do período do Curso de Formação de Psicodrama, ela se deparou com inquietações a respeito de seu papel profissional, questões pertinentes ao papel profissional de psicóloga psicodramatista. A relação da profissão com a condição da deficiência estava sendo posta em xeque.

Este estudo está relacionado ao trabalho voluntário da pesquisadora na ACIC, desenvolvido desde o ano de 2009, onde são desenvolvidas atividades de orientação profissional, com educandos que estão se preparando para o ingresso no mundo do trabalho. Os assuntos concernentes ao tema trabalho constituem-se em alvo de grande debate. Considerando os entraves vivenciados na relação das pessoas com deficiência e o trabalho, optou-se por estabelecê-la como foco de investigação desta pesquisa.

A pesquisa foi desenvolvida no município de Florianópolis, por ser a cidade em que está localizada a associação que atende pessoas com deficiência visual, onde seria desenvolvido o trabalho. Deste modo, abaixo estão sucintas informações da associação para melhor contextualização da pesquisa.

Fundada em 18 de junho de 1977, a Associação Catarinense para Integração do Cego – ACIC é uma associação civil sem fins lucrativos, de caráter sócio-assistencial, apresenta como princípio básico norteador a promoção de ações viabilizadoras da inclusão social da pessoa com deficiência visual que assegurem o pleno exercício da cidadania, e está localizada na Rodovia Virgílio Várzea, nº 1300, bairro Saco Grande, município de Florianópolis, estado de Santa Catarina.

A ACIC, por meio do Centro de Reabilitação, Profissionalização e Convivência – CRPC, proporciona aos seus associados e educandos em processo de habilitação/reabilitação o Programa de Profissionalização que apresenta por objetivo a inclusão no mercado competitivo de trabalho ou em atividades ocupacionais.

O Programa de Profissionalização encontra-se subdividido em Oficinas, Ocupacional, Orientação Profissional, Educação para o Trabalho e Preparação para o Trabalho, e os atendimentos estão organizados sob a forma de cursos presenciais e a distância com tutoria, treinamentos em serviço, estágios e produção própria. São realizadas também, visitas técnicas e palestras.

O serviço de Orientação Profissional é dirigido por uma psicóloga voluntária, com encontros semanais, tendo por finalidade facilitar o momento da escolha ao indivíduo, auxiliando-o na compreensão de sua situação específica de vida, na qual estão incluídos aspectos pessoais, familiares e sociais.

## 1.1 ORIGEM DO TRABALHO

A pesquisadora é voluntária na ACIC, onde trabalha com grupos de Orientação Profissional. No ano de 2010, foi formado um grupo para trabalhar do mês de março até dezembro do mesmo ano, com encontros semanais com duração de uma hora e trinta minutos. Com o desenvolvimento do trabalho observou-se que era um tanto quanto difícil desenvolver o tema "trabalho" com esse grupo específico, formado por 14 sujeitos, despertando a idéia de trabalhar a questão do papel profissional.

Assim, surgiu a proposta de desenvolver este estudo com esse grupo em particular. A pesquisa foi realizada entre os meses de outubro e dezembro de 2010, utilizando o espaço do grupo de orientação profissional, bem como seus participantes. A Coordenação da Profissionalização disponibilizou o espaço e recursos necessários à plena execução da pesquisa. Quando o estudo iniciou o grupo contava com um total de 7 participantes.

## 1.2 TEMA

Contribuições do jogo psicodramático no desenvolvimento do papel profissional de pessoas com deficiência visual

## 1.3 PROBLEMÁTICA

O número de pessoas com deficiência visual, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (censo 2000), é considerável, totalizando um valor aproximado de 16 milhões. As pessoas que declararam ter dificuldade de enxergar eram, em números absolutos, cerca de 2,4 milhões. O estado de São Paulo apresenta o maior número de pessoas cegas (23.900), seguido pela Bahia (15.400), conforme Gomes (2009). Este expressivo número gera a necessidade do desenvolvimento de estratégias e ações sócio-educacionais que as contemplem.

Considerando a inibição de determinados papéis vivenciados por muitos indivíduos e a necessidade de resgate dos mesmos, é que se pretende investigar um grupo de pessoas com deficiência visual. Da mesma forma que todo e qualquer ser humano, o sujeito com deficiência visual apresenta papéis inibidos, como é o caso do papel profissional, resultantes de condições sociais que precisam ser resgatados. O método psicodramático possibilita o aprimoramento do ser na relação consigo e com os outros.

Conforme Gonçalves; Wolff e Almeida (1988), aponta-se que o psicodrama é uma abordagem psicológica que trata o indivíduo e os grupos por meio da ação dramática. O Psicodrama como trabalho grupal, que utiliza a vivência dramática como centro de abordagem e exploração da psique humana e seus vínculos emocionais, surge como escolha neste trabalho. Este permite modificar a ação por meio da reflexão e do sentimento ao vivenciar distintos papéis.

Quando se fala em método neste trabalho, segundo Martins (2004), está se referindo a uma forma de ação regulada na concepção de homem e de mundo que se encontra além da pura e simples aplicação de técnicas. A aplicação do

psicodrama em um grupo de pessoas constitui uma forma de agir distinta do convencional. É um olhar carregado de humanismo e uma sugestão de trabalho que os conduza para a ação, para a participação plena, e que os tornem mais espontâneos e criativos e, por conseguinte, permitam estender o desenvolvimento dos seus papéis.

Delimitando a abrangência do assunto, este estudo busca investigar as contribuições da aplicação do jogo psicodramático no processo de desenvolvimento do papel profissional, com um grupo de sete pessoas com deficiência visual, educandos da ACIC.

### **1.3.1 Problema de pesquisa**

Quais as contribuições da aplicação dos jogos psicodramáticos no processo de desenvolvimento do papel profissional de pessoas com deficiência visual?

## **1.4 OBJETIVOS**

### **1.4.1 Objetivo geral**

Investigar quais as contribuições da aplicação dos jogos psicodramáticos no processo de desenvolvimento do papel profissional de pessoas com deficiência visua

### 1.4.2 Objetivos específicos

- Identificar na aplicação dos jogos psicodramáticos o que é facilitador no processo de desenvolvimento do papel profissional de sujeitos desprovidos da visão;
- Verificar na utilização dos jogos psicodramáticos fatores dificultadores para a execução do trabalho com pessoas com deficiência visual.

### 1.5 JUSTIFICATIVA

O estudo da inclusão da pessoa com deficiência visual no mercado de trabalho não é tão simples como se poderia imaginar, embora algumas pesquisas já tenham sido desenvolvidas nesta área, como a pesquisa “Retratos da Deficiência no Brasil”, Néri (2003), realizada pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas que integra o Programa Diversidade, desenvolvido pela Fundação Banco do Brasil, assim como o relatório “Transição da Escola para o Trabalho” desenvolvido pela Agência Européia para o Desenvolvimento em Necessidades Educativas Especiais (2002).

A inclusão, como tema fortemente presente nos atuais debates acerca da inserção social global das pessoas com deficiência deve ser um movimento bilateral, existindo esforços tanto por parte da pessoa com deficiência, sua família e profissionais envolvidos com a questão, quanto da sociedade em geral, no sentido de fazer com que a qualidade de vida dessas pessoas se concretize efetivamente.

A concretude do processo de inclusão social da pessoa com deficiência passa pela possibilidade do exercício de sua autonomia em todas as esferas da vida. Isso sugere que ela possa ser capaz de atuar com independência em todas as atividades diárias e produzir sua própria existência por meio do trabalho. Ao garantir sua subsistência e ao participar da vida social, a pessoa com deficiência torna-se um cidadão engajado na dialética das trocas sociais, promovendo sua inserção efetiva na sociedade.

Este processo não é de responsabilidade exclusiva do sujeito com deficiência e de sua família e comunidade, mas sim de toda a sociedade que se pautar por princípios democráticos de organização política e social. Por esta razão, foi criada a lei de cotas para pessoas com deficiência (nº 8.213/91), que obriga as empresas com acima de 100 funcionários a empregarem trabalhadores com algum tipo de deficiência em seu corpo funcional.

O documento “Retratos da Deficiência no Brasil”, que trata da deficiência e sua relação com o trabalho é um referencial importante para a compreensão desse processo. Objetivamente, a pesquisa sustenta-se na política de cotas implementada em 1999 que segundo Néri (2003), constitui um favorável instrumento de inclusão da pessoa com deficiência no mundo do trabalho. Sendo assim, como resultante da política de cotas tem-se a lei que estabelece um número percentual de vagas, destinado às pessoas que possuem algum tipo de deficiência, no processo de contratação, dependendo certamente do tamanho da empresa.

Ainda em Néri (2003), encontra-se que os indivíduos com deficiência que apresentam de 8 a 12 anos de estudo apresentam maiores possibilidades de inserção no trabalho. O autor explica que existe uma maior contratação de pessoas com deficiência com mais de 12 anos de estudo do que de pessoas sem deficiência que apresentem o mesmo grau de escolaridade.

A pretensão deste estudo é promover o discernimento da realidade experienciada pelas pessoas com deficiência visual, bem como das alternativas existentes na direção da plena inclusão social e profissional, por meio do desenvolvimento do papel profissional desses sujeitos, tendo por base a aplicação do jogo psicodramático. Deste modo, a realização desta pesquisa apresenta contribuições significativas para o meio acadêmico e até mesmo abrir espaço para outros estudos acerca do tema, buscando alcançar a compreensão do assunto e vislumbrar possibilidades práticas para a efetiva inclusão na sociedade dos protagonistas desta pesquisa.

## 1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO

Esta pesquisa está assim estruturada: no primeiro capítulo tem-se a introdução e no segundo o referencial teórico em que está pautado este trabalho. O terceiro capítulo refere-se a metodologia adotada na pesquisa e no quarto são expostos e analisados os encontros. Por fim, são apresentadas as considerações finais e as conclusões a que se chegou ao desenvolver este estudo.

## CAPÍTULO 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para que se possa conhecer verdadeiramente uma empresa ou uma comunidade, pequenos ou grandes grupos, Datner (2006), alerta que se faz necessário a compreensão do indivíduo, mas não de maneira seqüestrada do seu contexto, mas por meio de suas relações, como estão compostas as redes das quais faz parte. Por esta razão, serão apresentados os temas, conceitos e definições, bem como a contextualização histórica dos aspectos pertinentes a deficiência.

### 2.1 DEFICIÊNCIA – HISTÓRIA E CONCEITUAÇÃO

A exclusão social foi o aspecto marcante e determinante das pessoas com deficiência no tempo e no espaço. As pessoas que possuíam algum tipo de deficiência eram encerradas como um empecilho, alguém que representava um incômodo. Segundo Vivarta (2003) e Gomes (2009), a pessoa com deficiência foi considerada por muito tempo, tanto pela sociedade quanto pelo próprio núcleo familiar, como um estorvo, desprovida de valor profissional e pessoal, em algumas culturas culminando no aniquilamento. Bruns (2000) ainda completa, explicando que o corpo detentor de uma deficiência carregava consigo a solidificação dos espíritos maus, conseqüentemente sendo possuidor de poderes mefistofélicos.

Na Antiguidade, que tinha por base econômica a agricultura, a pecuária e o artesanato, os indivíduos que não se enquadravam na categoria de “senhores”, não lhes eram atribuídos valores sociais, sendo equiparados à condição de sub-humanos. Contudo, de acordo com Aranha (2007) e Amaral (2008), a deficiência, nesse período, não se apresentava como uma questão a ser resolvida, pois logo que os infantes com algum tipo de deficiência nasciam com deficiências imediatamente detectáveis, eram eliminados e abandonados ao relento, até sucumbirem a morte. Complementando a explicação, Domingos (2009) afirma que nesta época a força física do homem era privilegiada em razão da necessidade de sobrepujar a natureza, sendo as pessoas com deficiência consideradas inúteis e, portanto,



descartadas.

Segundo Domingos (2009), existia também duas outras formas de conceber aqueles que possuíam algum tipo de deficiência, uma que era como sábios e a segunda que era aqueles que alcançavam a vida adulta, sobrevivendo a margem da sociedade, em situação de mendicância.

É possível encontrar nos apontamentos históricos oposições no que diz respeito ao entendimento da deficiência. Conforme Domingos (2009), na Grécia a condição da cegueira era concebida como castigo dos deuses enquanto na China, as pessoas com deficiência visual eram encaminhadas para o desenvolvimento de profecias, assumindo a função de profetas, e na Índia eram considerados como adivinhos, e tinham por responsabilidade a difusão verbal dos conhecimentos culturais da época.

A cegueira é encarada em algumas circunstâncias como um infortúnio e em outras como uma dádiva, idéia que permeia a História da humanidade, segundo Caiado (2003) e Gomes (2009), tal dicotomia entre abandono e iluminação caracterizava os indivíduos que possuíam deficiência visual nesse período, sendo-lhes atribuído faculdades singulares, proporcionadas em razão da ausência da visão, Essa concepção subsiste até os dias de hoje, na qual a pessoa com cegueira é entendida como inábil, ou então, possuidor de altas capacidades.

Na Idade Média, com o aparecimento do Cristianismo, segundo Aranha (2007), surgiu um novo olhar sobre o ser humano que passou a ser visto como ser dotado de razão, bem como inspiração e manifestação de Deus, a pessoa com deficiência passou a ser considerada como detentora de uma alma, recebendo o status humano, não sendo mais admitido seu extermínio.

Até meados do século XIX, conforme comenta Ventura (2002b), Domingos (2009) e Gomes (2009), a mendicidade era praticamente a única alternativa de sobrevivência das pessoas com deficiência, em alguns momentos como alvo da beneficência de terceiros e em outros acolhidos por instituições asilares, permanecendo nesses espaços até o final da vida. Quando raramente era oportunizada às pessoas com deficiência alguma educação, desenvolviam habilidades para trabalhos manuais, servindo como fonte de renda, ou ainda, aqueles mais talentosos tornavam-se músicos ou mentores.

No final do século XV, início da Revolução Burguesa, houve uma transformação na visão clerical de homem, passando para um olhar congregador do

abstrato e do concreto. A pessoa com algum tipo de deficiência passou a ser considerada de maneira formal como um indivíduo não produtivo que acarreta onerosidade para a sociedade no que diz respeito ao seu sustento e manutenção. A deficiência foi devidamente formalizada.

#### a. Paradigma da institucionalização

Conforme Aranha (2007), a medicina e seu meteórico avanço no período em que as pessoas com deficiência eram destinadas aos cuidados da Igreja e da família, possibilitaram o desenvolvimento de uma leitura organicista da deficiência, na qual os transtornos psiquiátricos despiram-se da roupagem teológica e assumiram o papel biológico, ou seja, deixaram de ser um problema meramente teológico e passaram a ser um problema médico.

Na história existem dramas que retiram o ser humano do seu lócus, destituindo-o de seu papel de protagonista da sua existência, colocando-o numa posição de desumanidade, na qual não se tem nome, identidade, razão e nem mesmo emoção. Isto porque, de acordo com Aranha (2007), o estabelecimento do paradigma da institucionalização está intimamente atrelado ao surgimento dos hospitais psiquiátricos que passaram a ser a pousada daqueles que apresentavam deficiência. Porém, o objetivo destes espaços eram muito mais no sentido de confinar os sujeitos considerados “diferentes” do que propriamente para tratamento médico-hospitalar.

Nos séculos XVII e XVIII o ser humano continuava recebendo destaque muito mais pela característica da não produtividade do que por qualidades que pudessem vir a contribuir com o convívio social. As concepções sobre a deficiência, Aranha (2007), expandiram-se por diversas áreas, principalmente a médica e a educacional, resultando numa multiplicidade de atitudes sociais como a institucionalização em ambientes como conventos e hospícios e o ensino especial segregado.

No século XIX uma tênue mudança na forma de conceber a deficiência começou a acontecer. O capitalismo estava se fortalecendo e iniciava o desenvolvimento da responsabilidade pública com relação às inópias das pessoas com deficiência, ainda que continuasse a imperar a tendência de manter o tema da instituição sob a égide do setor privado, deixando o setor público de fora.

A implantação do capitalismo moderno no século XX foi caracterizada pela multiplicação de leituras e compreensões sobre o fenômeno da deficiência, coexistindo o modelo metafísico, o modelo médico, com a determinação social e aproximando-se do final deste século o modelo sócio-histórico. Porém, por mais que possa não parecer, Aranha (2007), a questão da deficiência continuou sendo de natureza sócio-político-econômica.

Após as duas grandes guerras, ocorridas no século XX, há o surgimento da integração social das minorias, inclusive das pessoas com deficiência. Com o crescente contingente destes e aliado ao movimento de defesa dos direitos humanos e as críticas freqüentes sobre a institucionalização fez desencadear questionamentos com relação as relações existentes da sociedade com as pessoas que possuíam deficiência, ou seja, investigar que tipo de relacionamento e responsabilidade social existe.

Como efeitos das guerras, segundo Aranha (2007), o aumento do número de pessoas com deficiência culminou na necessidade de uma maior assistência social e de melhores condições de uma ocupação rentável. Isto significa que apesar das consequências bélicas os indivíduos precisavam de um ambiente favorável ao desempenho de seu novo papel na sociedade como pessoas com deficiência. O interessante é perceber que o retorno ao mundo profissional propiciou a expressão do potencial para o trabalho que existe nas pessoas além da deficiência.

#### b. Paradigma de serviços

Lentamente, conforme Aranha (2007), a convicção de que as pessoas com deficiência eram capazes para trabalhar e desejavam desempenhar voz ativa na sociedade foi fortalecida. A responsabilidade no trato a esse segmento populacional foi gradualmente sendo reconhecida pelos estados, no que se referia a suas indigências de saúde e de educação. Concomitantemente, no território acadêmico foi delineado o que mais tarde se denominou de sistema de idéias da normalização.

Por volta do ano de 1973, segundo Aranha (2007), a Associação Americana Nacional para Cidadãos Retardados fez referência a normalização como sendo uma forma de auxílio às pessoas com deficiência, no que se refere a garantias de condições de vida o mais favoráveis possível e mais contíguas do

normal. Destaca-se que a arrumação educacional normativa é titulada educação convencional, e acontece em sala de aula regular. O emprego competitivo é o modo característico de trabalho, com objetivo da auto-manutenção. E o modo de vida normativo é em residência individual privada.

Conforme Aranha (2007), as ações pela defesa dos direitos humanos e civis das pessoas com deficiência aproveitaram-se das lacunas instituídas pelas incongruências do sistema sócio-político-econômico vigente, avançando rumo a sua integração no meio social. O resultado de tudo isso foi o estabelecimento de um novo paradigma: Paradigma de Serviços.

O paradigma de serviços era caracterizado pela oferta de serviços, que de acordo com Aranha (2007), em virtude do fato da pessoa com deficiência possuir os mesmos direitos que qualquer outro cidadão a uma vida digna e normalizada, necessitava ser preparado. Porém, o que acontecia é que as entidades financiadas pelo poder público começaram a ofertar às pessoas com deficiência um vasto número de modalidades de serviços, na maioria em lugares segregados, sustentando-os a disposição até que fossem avaliados como "prontos" para uma efetiva integração na comunidade.

É claro que comparado ao paradigma da institucionalização total, o de serviços é consideravelmente um grande avanço. Contudo, ainda apresentou limitações quando focalizou a necessidade de que a mudança fosse centralizada na pessoa com deficiência.

Negar as limitações impostas por uma deficiência pode ser tão discriminatório quanto exacerbar seu papel na vida da pessoa, já que ao negá-las a sociedade se desobriga de promover os ajustes e adaptações que permitiriam a participação dessas pessoas na vida da comunidade. (ARANHA, 2007, p. 15).

Com isso, a idéia da normalização começou a enfraquecer, expandindo a discussão sobre a condição das pessoas com deficiência como cidadãos detentores dos mesmos direitos de usufruto e de determinação das chances disponibilizadas na sociedade, independentemente do grau e espécie de deficiência. Desta forma, é responsabilidade da própria sociedade oferecer os serviços necessários às pessoas com algum tipo de deficiência, nas mais diversas áreas, surgindo o paradigma de suporte.

### c. Paradigma de suporte

O paradigma de suporte, Aranha (2007), caracteriza-se pela pressuposição de que a pessoa com deficiência apresenta direito à convivência não segregacionista e a ascensão aos recursos disponíveis a população. Para isso, foi necessário disponibilizar suportes, ou seja, instrumentos que tornassem viáveis e garantissem o genuíno acesso a todo e qualquer recurso da comunidade. Os suportes podem ser de diversos tipos: suporte físico, social, instrumental e econômico, tendo por finalidade beneficiar a construção de uma sociedade inclusiva.

No caso da pessoa com deficiência, a sociedade pode se considerar inclusiva, quando reconhece a diversidade que a constitui, identifica as necessidades desse segmento populacional, oferece os serviços de que necessitam e promove os ajustes que viabilizam o acesso, a permanência e a utilização do espaço público comum. (ARANHA, 2007, p. 16).

O paradigma de suportes forma-se da disponibilidade ao cidadão que possui deficiência, de todo e qualquer sufrágio que se aponte imperativo para a otimização de sua potencialidade para uma existência de qualidade e que consinta sua legítima participação em todas as extensões de sua vida: familiar, doméstica, social, escolar, profissional e econômica.

Os suportes existem, conforme Aranha (2007), para atender aos anseios e às precisões individuais, a partir de uma ação de planejamento do amanhã do cidadão. Trazem à baila os mais distintos tipos de auxílio que possibilite à pessoa com deficiência o maior grau de independência e de autonomia no comando e no gerenciamento de sua própria vida, em espaço o menos limitativo possível. Deste modo, o suporte não pode ser algo pré-estabelecido e uniformizado. A sua disponibilização estará sujeito a uma estimativa cuidadosa dos desejos, características e necessidades de cada pessoa

#### **2.1.1 Aspectos globais da deficiência**

Um relevante aspecto surge para se compreender a definição de

deficiência, é a questão da normalidade e não-normalidade. Segundo Amaral (1998), adverso do uso do conceito de excepcionalidade, o uso de termos como normalidade/desviante é perfeitamente lógico, a partir do momento que os critérios que os resolvem sejam ponderados criticamente. Seguindo com a apreensão da declaração da normalidade ou do desvio far-se-á a apresentação dos critérios classificados em: estatísticos, estrutural/funcional e ideológico.

O critério estatístico é composto por duas correntes, a média e a moda. Em relação à média Amaral (1998), p. 13, esclarece que é “[...] o valor que se determina, numa distribuição, segundo uma regra preestabelecida e que se utiliza para representar todos os valores da distribuição matematicamente alcançado pelo quociente da soma de  $n$  valores por  $n$  [...]”. Ilustrando, a média pode ser entendida por meio do exemplo do valor da altura média do homem brasileiro, significa dizer, que todos os indivíduos que se distanciam desse valor, tanto para mais quanto para menos, são enquadrados como diferentes, desviantes. Destaca-se que o caráter abstrato da média emoldura-se como impróprio a determinadas categorias de ordem qualitativa.

Com relação à moda, Amaral (1998), p. 13, assevera como sendo “[...] o valor da variável que corresponde a um máximo de freqüência numa curva de distribuição [...]”. Por exemplo, seria uma maior constância de figuras femininas desempenhando papel profissional no magistério, sendo assim, caso surgisse um número expressivo de homens que se direcionassem para essa área de atuação, seriam apreciados diferentes, desviantes. Salienta-se que a moda não é concebida naturalmente e sim constituída historicamente.

O critério estrutural/funcional está associado à noção de que o ser humano, inerentemente, seria constituído de forma/função inatas, isto é, a existência de olhos que enxergam, ouvidos que podem escutar com perfeição, membros do corpo que se movem e encontram-se aptos para a realização de ações, tudo isso sem o auxílio de equipamentos específicos. Com isso, segundo Amaral (1998), o critério estrutural/funcional faz menção a suposta “vocaçãõ” que se encontra nos seres humanos. Diz-se que forma/função definem diferença e desvio, até porque, o que se leva em consideração nesse critério é a inteireza da forma e a aptidão da funcionalidade.

O critério ideológico diz respeito à conferiçãõ realizada entre um determinado indivíduo ou grupo e a figura idealizada, que satisfaz ao “tipo ideal”,

arquitetada e autenticada pela classe dominante. Amaral (1998) assinala que, o sistema de idéias sedimentado na conjuntura social atual refere-se a um ser do gênero masculino, branco, jovem, heterossexual, cristão, produtivo, física e mentalmente constituído. Todo sujeito que se afugente do modelo estabelecido pela sociedade seria considerado divergente.

### 2.1.2 Conceito de deficiência

A deficiência, antes de qualquer esclarecimento, conforme Menescal (2004), não deve ser confundida com doença, em último instância, apenas pode-se referir à ela como conseqüência de uma enfermidade. A definição de deficiência advém do desdobramento da sua significação, caracterizando uma transposição qualitativa, pela inclusão das dimensões sociais. Deste modo, a “camisa-de-força” biologicista, predicado da deficiência, é superada como se verá mais a frente.

Para definir deficiência é necessário, segundo os autores pesquisados, considerar os seguintes aspectos: deficiência, incapacidade e desvantagem.

Amaral (1996) afirma que a deficiência corresponderia a uma perda ou irregularidade de funções ou estruturas, culminando em adulterações da aparência ou do corpo físico, de um determinado órgão ou de uma função específica, livremente da causa. Destaca-se também que a deficiência pode ser permanente ou transitória, abrangendo o fato de uma anormalidade, defeito, ou ainda, a perda de um membro, órgão, tecido ou estrutura do corpo.

A compreensão do aspecto da incapacidade, segundo Amaral (1996), relaciona-se a limitação de atividades que sobrevém em decorrência de uma deficiência. A incapacidade nasce como fruto das deficiências, na acepção de desempenho e rapidez funcional do indivíduo. A caracterização das incapacidades se dá por meio do *excesso ou ausência no desempenho ou ação de uma atividade que se tem por trivial ou natural; além disso podem ser efêmeras ou constantes, reversíveis ou irreversíveis e progressivas ou regressivas.*

Por fim, tem-se a desvantagem que refere-se à categoria social de detrimento fruto da deficiência e/ou da incapacidade. A desvantagem, de acordo

com Amaral (1996), espelha o ajustamento do indivíduo e sua influência mútua com o ambiente, elucubrando a importância dada à circunstância ou ao conhecimento do sujeito, quando se espelha da regra.

A existência da deficiência ou da incapacidade concebe uma forma de demonstração social refletida por efeitos econômicos, ambientais, sociais e culturais.

### 2.1.2.1 Deficiência visual

Com relação às pessoas com deficiência visual pode-se classificá-las em pessoas cegas e pessoas com visão subnormal (pessoas com visão residual e com visão parcial.), também chamada baixa visão. A constituição dessa terminologia que indica as pessoas com deficiência visual, de modo particular, satisfaz tanto a critérios clínicos, determinados segundo a avaliação da acuidade e campo visuais, como a critérios de eficácia funcional da visão.

Há escalas oftalmológicas que demarcam as definições de deficiência visual. Menescal (2004) comenta que quanto a acuidade visual, refere-se aquilo que se avista a determinada distância e campo visual, diz respeito a amplitude da área alcançada pela visão.

Segundo as escalas oftalmológicas, de acordo com Menescal (2004), a cegueira total, igualmente versada como *amaurose*, pode ser definida do seguinte modo: a visão graduada do mais perfeito de seus olhos é de 20/200 ou menos, isto significa, se é possível ver a 20 pés (6 metros) aquilo que uma pessoa de visão normal pode ver a 200 pés (60 metros), ou se o diâmetro mais largo do seu campo visual subentende um arco não maior de 20 graus, ainda que sua acuidade visual nesse estreito campo possa ser superior a 20/200.

A cegueira ou as pessoas cegas proporcionam como significação funcional: o fato de não ser dono de nenhuma espécie de visão ou ter apenas percepção luminosa sem projeção alguma. Nesses casos, Menescal (2004) afirma que é essencial para o processo de aprendizagem a utilização de recursos como o método Braille. Fundamentalmente, pessoas cegas são aquelas que não se utilizam de nenhuma pista visual em sua mobilidade e orientação, necessitando de recursos



específicos que gerem sua autonomia, tais como a bengala e as técnicas de Orientação e Mobilidade e Atividades da Vida Diária.

Aproximando-se da cegueira total estão os indivíduos com visão residual que apresentam apenas percepção e projeção de luz, entretanto, hábeis na identificação da direção de onde vem a luminosidade. A pessoa com visão subnormal, de acordo com Menescal (2004), diferencia-se por possuir: acuidade visual de 6/60 e 18/60 (escala métrica) e/ou um campo visual entre 20 e 50°.

A visão residual refere-se ao coeficiente de visão que possibilita ter percepção de luz e de objetos, com capacidade de diferenciar e reconhecer, apesar dos baixos limiares de visão, materiais visuais adequados. As pessoas emolduradas nessa classificação carecem de condicionamentos específicos de iluminação, quer ambiental quer dirigida, e de postura e de auxílios ópticos.

Em se tratando de visão parcial, as pessoas que a possuem, utilizam a visão para praticamente todos os afazeres visuais, incluindo os escolares, fazendo-se necessário, normalmente, de lentes para correção de erros de refração. Com frequência, são possuidores de campo visual restringido ou apresentam alterações da visão central. Em muitos casos, o auxílio óptico é imperativo para tarefas pontuais, como consultas ao dicionário ou a uma lista telefônica. Importantes também, são os cuidados com a iluminação, seja na escolha ou orientação, no local em que se encontram, assim como, a clareza e nitidez dos materiais escritos que lhes são oferecidos.

Por último, tem-se a cegueira parcial, também chamada de “legal” ou “profissional”, que segundo Menescal (2004), é característica de indivíduos com capacidade para contar dedos a curtas distâncias e indivíduos capazes apenas de percepção de vultos, nesses casos, existindo apenas uma distinção entre claro e escuro. O campo visual restrito, peculiar dessa categoria, é muitas vezes dito como “visão em túnel” ou “em ponta de alfinete”, e a essas definições geralmente se aplica os termos “cegueira legal” ou “cegueira econômica”.

### **2.1.3 Movimentos sociais e políticas públicas para pessoas com deficiência**

Oficialmente a criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos deu início a educação das pessoas com deficiência no Brasil, no ano de 1854, no Rio de Janeiro. Esta, primeira escola para cegos da América Latina, é atualmente o Instituto Benjamin Constant. A partir daí, houve uma elementar movimentação das pessoas com deficiência visual para se estabelecerem em associações, com a finalidade de realizarem trabalhos manuais. Quando surgia a possibilidade de se destacar, exerciam a função de professores nessas instituições especializadas. Ou ainda, estudavam música, tornando-se afinadores de piano.

No começo da década de 1940 as pessoas com deficiência passaram a ter o direito à carteira de trabalho assinada. E em 1950 começaram a serem recebidas no ensino educacional regular, sendo mais comum a partir de 1953 o ingresso no segundo grau, o atual ensino médio, bem como no ensino superior. (VENTURA, 2002b).

O avanço da tecnologia e da informática – por meio do aparecimento de livros acessíveis, computadores com sintetizador de voz, internet, entre outras ferramentas – assim como a promulgação de diversas leis de direitos das pessoas com deficiência, e também a introdução destas no ensino regular, possibilitou o aumento das oportunidades de escolarização e trabalho para as pessoas com deficiência.

Ventura (2002a) afirma que a Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu a década de 1980 como o período das pessoas com deficiência, mobilizando a ampliação das entidades representativas das pessoas com deficiência, dilatando o seu campo de possibilidades, conscientizando essas pessoas dos seus direitos e deveres de cidadãos. O aparecimento dessas instituições objetivava reivindicar o direito de acesso à educação, reabilitação, ao trabalho, discutindo sobre os seus direitos, iniciando um processo de luta e reconhecimento por parte desses movimentos das pessoas com deficiência.

Os movimentos sociais de pessoas com deficiência visual também expandiu. No Brasil começaram a surgir Organizações nacionais: no ano de 1953, foi fundado o Conselho Brasileiro para o Bem-Estar dos Cegos (CBBEC), e também

a Associação Brasileira de Educadores de Deficientes Visuais (ABEDEV), que aconteceu em 1968. No período compreendido entre 1988 e 1993, nasceu a União Brasileira de Cegos. Em 1984 foi fundada a Federação Brasileira de Entidades de Cegos (FEBEC). E no ano de 2008 essas duas últimas instituições se uniram formando a Organização Nacional dos Cegos do Brasil (ONCB) (MEDEIROS, 2008). O surgimento dos movimentos sociais de âmbito internacional apresentavam a mesma finalidade de assegurar aos cidadãos com deficiência visual o exercício de sua cidadania (VENTURA, 2002a).

No Brasil a implementação de políticas públicas na área da deficiência está avançando. Órgãos deliberativos de âmbito federal existem com o objetivo de assegurar essa implementação. A Coordenadoria e o Conselho da pessoa com deficiência são dois órgãos que se destacam no cenário nacional e contribuem efetivamente para a luta das pessoas com deficiência.

A Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE) é o órgão assessor da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República e apresenta a finalidade de normatizar e regular ações da área da deficiência. É a articuladora de políticas públicas existentes e busca assegurar a defesa de direitos, bem como, a promoção da cidadania.

O Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência (CONADE) foi criado pela Medida Provisória nº 1799-6/1999. Suas competências definidas no decreto nº 3298/1999, que regulamentou, por sua vez, a lei nº 7853/1989. O seu principal objetivo é acompanhar e avaliar as políticas nacionais voltadas para a pessoa com deficiência. Conselhos estabelecidos no estado de Santa Catarina apresentam a mesma linha de trabalho.

O Brasil no ano de 2008 adotou oficialmente a Convenção Internacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Promulgada pela Assembléia-geral das Nações Unidas (ONU) no dia 03 de dezembro de 2006, após quatro anos de intensas discussões, a referida Convenção visa promover e garantir o exercício pleno de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais de maneira equivalente, por todas as pessoas com deficiência, defendendo o respeito a sua dignidade. A Convenção foi assinada pelo Brasil no dia 30 de maio de 2007, e ratificada em meados de 2008, possuindo status de emenda constitucional. É a representação do avanço na luta das pessoas com deficiência, incluindo aspectos que permeiam a deficiência que antes não eram considerados e define a pessoa

com deficiência como:

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas. (CONVENÇÃO, 2008, P. 04).

Segundo Vivarta (2003) há seis quesitos para se assegurar a acessibilidade, são os seguintes:

- Acessibilidade arquitetônica: significa adequação física e ambiental dos mais diversos espaços e equipamentos urbanos, assim como dos meios de transporte coletivos e individuais;
- Acessibilidade comunicacional: é a garantia do acesso a comunicação interpessoal, acesso aos materiais escritos, que diz respeito a ter acesso a jornais, revistas, livros, apostilas, abrangendo a adaptação para o Braille e para os meios digitais, como também a virtual, que seria a acessibilidade digital;
- Acessibilidade metodológica: corresponde a adequação dos métodos e técnicas de estudo, trabalho, ação comunitária e por fim, familiar;
- Acessibilidade instrumental: os obstáculos são transpostos no que diz respeito aos instrumentos, ferramentas e utensílios de trabalho, estudo e lazer;
- Acessibilidade programática: não existe a presença de obstáculos de ordem invisível nas políticas públicas, regulamentos e normas institucionais;
- Acessibilidade atitudinal: é referente a ausência de preconceitos, discriminações, estereótipos e estigmas.

A ratificação da Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência, em que o Brasil a integra aos seus aparatos legislativos, com validade constitucional, é Uma forma de assegurar o acesso das pessoas com deficiência a todas essas esferas da acessibilidade.

No artigo 9, da Convenção (2006), é assegurado a pessoa com deficiência o acesso pleno, em igualdade de oportunidades, aos mais diversos aspectos da vida social, permitindo assim, que esta parcela da sociedade tenha

garantida sua independência. Ao possibilitar o acesso aos diferentes setores da sociedade (educação, saúde, transporte, lazer, etc.), a pessoa terá condições de se desenvolver naturalmente, socializando-se, desfrutando do seu direito a cidadania. Os movimentos sociais das pessoas com deficiência lutam nessa direção, principalmente pela garantia da acessibilidade atitudinal, informacional, comunicacional e arquitetônica, os quais sendo assegurados decorrem os demais.

A Constituição de 1988 causou no contexto brasileiro significativas alterações. No que diz respeito à educação especial teve a atribuição de garantir e coibir qualquer ato discriminatório em relação ao tratamento especializado às pessoas com deficiência. Tal ato é revitalizado com a Lei de Diretrizes e Bases, para a educação nacional, de nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. No capítulo V do artigo 58 desta lei, delega a educação especial como uma modalidade do ensino escolar devendo localizar-se preferencialmente na rede regular de ensino. Determinou também, que no caso da necessidade de um atendimento mais específico em que a inclusão do aluno especial não foi possível na classe comum, se deve procurar as instituições especializadas.

A lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989 apresentava a finalidade de garantir as pessoas com deficiência, pleno direito de igualdade de tratamento e oportunidades, justiça social no cumprimento de seu bem-estar. Com efeito, promover a “integração”, o respeito à dignidade humana de indivíduos que estavam à margem da sociedade. Dez anos mais tarde, passa a existir o decreto n. 3298, com o objetivo de regulamentar e consolidar determinações da lei anterior (7853). No artigo deste decreto fica explícito a amplidão destes direitos:

Art. 2º Cabe aos órgãos e às entidades do Poder Público assegurar à pessoa portadora de deficiência o pleno exercício de seus direitos básicos, inclusive dos direitos à educação, à saúde, ao trabalho, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à previdência social, à assistência social, ao transporte, à edificação pública, à habitação, à cultura, ao amparo à infância e à maternidade, e de outros que, decorrentes da Constituição e das leis, propiciem seu bem-estar pessoal, social e econômico.

O Decreto nº 5.296 de 02 de dezembro de 2004, aborda sobre questões de acessibilidade, surgindo como mais um elemento nesse processo de democratização da sociedade brasileira. Tal Decreto, regulamenta as leis nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, priorizando o atendimento as pessoas com deficiência, e

nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida. Este por sua vez, delega benefícios que serve tanto para o exercício da vida política, quanto para a vida cotidiana; tanto para a vida coletiva quanto para a individual.

Todavia, o desconhecimento acerca da deficiência, a falta de familiarização e, conseqüentemente, os costumes preconceituosos e os comportamentos discriminatórios constituem aspectos importantes a serem apontados e estudados, em virtude da força que desempenham na construção, com proporções cada vez maiores, de um “abismo” entre as pessoas sem deficiência e as pessoas com deficiência.

Agora, conhecer-se-á um pouco melhor do que trata o psicodrama, fazendo um resgate histórico de sua origem e seu criador.

## 2.2 PSICODRAMA

O Psicodrama foi esculpido no início do século XX, por Jacob Levi Moreno, um médico que iniciou seus trabalhos com o teatro espontâneo. A partir da vivência prática com grupo de atores, ele se deparou com a ação terapêutica da dramatização, modificando-se, deste modo, o teatro espontâneo em teatro terapêutico e este último, em psicodrama. Moreno conceituou-o como uma metodologia que investiga a fundo a verdade por meio da ação.

Jacob Levi Moreno era médico e residiu boa parte de sua existência, no início do século XX, na Áustria que é considerado o nascedouro do psicodrama. Reúne conceitos para uma melhor compreensão do ser humano e um conjunto de práticas e instrumentos de trabalho. Um dos princípios fundamentais consiste na assimilação de que todo sujeito e grupo é criativo e espontâneo, e no caso da perda dessa inclinação natural origina sofrimento. Somado a esse princípio, há o princípio que entende o indivíduo como um ser em relação, derivando o reconhecimento da intersubjetividade.

Com o entendimento de que o homem vive em relação e, portanto, constitui-se em um ser social, é que surge toda a teoria moreniana. A partir desse aspecto, de acordo com Gonçalves, Wolff e Almeida (1988), Moreno criou a Socionomia que tinha por intenção investigar o relacionamento entre as pessoas, estudando as leis que regulam o comportamento da sociedade e dos grupos. É importante mencionar, que a ciência da Socionomia apresenta três ramificações metodológicas a conhecer: a Sociodinâmica, a Sociometria e a Sociatria.

### **2.2.1 Socionomia**

#### **a. Sociodinâmica**

A Sociodinâmica como ramificação da Socionomia, segundo Martins (2005), é responsável pela estrutura dos grupos sociais, visa o estudo da dinâmica e do funcionamento dos relacionamentos interpessoais. Apresenta como método de estudo, conforme Gonçalves; Wolff e Almeida (1988), o *role-playing*, também conhecido como jogo de papéis, que possibilita ao sujeito agir dramaticamente em variados papéis, desenvolvendo desse modo, um papel criativo e espontâneo, despidido de medos e ansiedade. O *role-playing* é muito utilizado no treinamento do papel profissional.

#### **b. Sociometria**

A ramificação da Sociometria, que de acordo com Martins (2005), é a ciência da medida das relações humanas, possui por objetivo a medição dos relacionamentos entre as pessoas. O método utilizado, segundo Gonçalves; Wolff e Almeida (1988), é o do teste sociométrico que quando aplicado criteriosamente permite a quantificação das relações alvo de estudo.

### c. Sociatria

A Sociatria, que conforme Martins (2005), é a ciência que trata os sistemas sociais, consiste na terapêutica das relações humanas e sociais. De acordo com Gonçalves; Wolff e Almeida (1988), os métodos utilizados são: a psicoterapia de grupo, o psicodrama e o sociodrama. A aplicação dos três métodos, para Moreno, tornaria viável não só o tratamento, mas também a cura da questão social, resultando com isso, na designação da Sociatria como a “utopia moreniana”.

O Psicodrama corresponde ao tratamento dos sujeitos e dos grupos por meio da ação dramática. A Psicoterapia de Grupo diz respeito ao tratamento dos relacionamentos interpessoais que decorrem da dinâmica dos grupos. E o Sociodrama, como uma espécie específica de terapia, caracteriza-se pelo fato do protagonista ser sempre o grupo. Destaca-se que por mais que haja tal divisão, a prática do trabalho do psicodramatista é, genericamente referenciada como Psicodrama.

#### 2.2.2 Teoria dos papéis

A teoria dos papéis foi desenvolvida por Moreno e é considerada um dos pilares teóricos de sua criação. Apresenta envolvimento direto na Socionomia , pois funciona como fundamento para a Sociodinâmica, a Sociometria e a Sociatria.

Segundo Martins (2005), a expressão teoria dos papéis faz referência ao complexo de idéias relacionadas ao modo de funcionar dos indivíduos, baseado na interação. Percebe-se com isso, que a natureza da teoria dos papéis é sistêmica por considerar as pessoas e seus relacionamentos.

O grande valor de se conhecer esta teoria, está no fato de que os grupos são formados por pessoas que se relacionam, se vinculam, que entram em contato umas com as outras por meio dos papéis.

A definição do termo papel, que em inglês é *role*, tem origem no latim *rotulos* que em um certo sentido significa, uma folha enrolada que possui escritos ao longo de sua extensão, e em outro, o conteúdo que um ator dramático precisa recitar



em uma peça teatral. Martins (2005) assinala que na Antiguidade as diversas partes que compunham uma representação teatral eram registradas em rolos, isto é, nos rolos estavam escritos os dramas. Foi então, partindo do papel no sentido do contexto do teatro, que evoluiu-se para uma concepção relacionada com a posição que um sujeito adota no meio social.

Todo e qualquer papel corresponde essencialmente a fusão de elementos privados e coletivos. Significa dizer, de acordo com Gonçalves; Wolff e Almeida (1988), que apresenta o seu diferencial individual e o seu denominador coletivo.

Uma pessoa imaginária inventada por um autor dramático, segundo Moreno (2006), é uma das possibilidades de constituição de um papel, como é o caso de Otelo, Fausto e Hamlet. O papel imaginário pode também nunca ter existido, como Bambi e Pinóquio. Além disso, pode funcionar como uma espécie de modelo para a vida, como Fausto, ou mesmo uma imitação dela, como Otelo.

Conforme Moreno (2006), tem-se o elemento ou a atitude que um ator adota, como o caso de Hamlet, sendo acendida por um ator para o mundo real. Por outro lado, tem-se uma função ou uma personagem assumida na realidade da sociedade, como um militar, um advogado, um psiquiatra, um vereador. Por último, o papel é entendido como as formas concretas e palpáveis que o “eu” abraça. Então, diz-se que o “eu” se constitui de resultados acumulados.

Sobre as caracterizações de um papel, Moreno (2006, p. 206), define, “[...] o papel é uma cristalização final de todas as situações numa área especial de operações por que o indivíduo passou [...]”.

Segundo Moreno (2006), Naffah Neto (1989) e Bustos (1990), é possível fazer a seguinte proposição, de que papel consiste em uma unidade de condutas inter-relacionadas que são observáveis, união essa que é resultado de elementos constituintes da singularidade do sujeito e de sua inserção na sociedade.

No teatro, atores desempenham papéis diante de um público. Quando uma atriz toma e interpreta o papel da personagem Cármen, ela procura mostrar, em seu desempenho, o modo de ser, o comportamento singular da personagem. Essas características observáveis da personagem são identificadas, reconhecidas pelo público, que vai sabendo distingui-las das que são próprias de outros personagens. O papel Cármen consiste em um conjunto único de ações e de atitudes. (GONÇALVES; WOLFF; ALMEIDA, 1988, p. 66)

A importância do conhecimento da definição moreniana de papel está no fato de que quanto mais compreendido estiver para cada sujeito os papéis que desempenha, assim como os papéis que tenha desejo ou necessidade de desenvolver, torna-se-ão mais estáveis os processos de mudança pessoal. É por meio dos papéis desempenhados pelo indivíduo que se atinge a compreensão acerca do seu comportamento, isto é, identificando se corresponde à papéis que privilegiam a criatividade e a espontaneidade, ou não, e se constituem elementos facilitadores ou dificultadores dos processos de mudança.

Estabelecida a definição de papel, cabe mencionar a fala de Gonçalves, Wolff e Almeida (1988, p. 68), “para Moreno, “o ego deriva dos papéis” e o que se costuma chamar de “personalidade” deriva de fatores GETA: genéticos, espontaneidade, tele e ambiente. Ora, esses fatores, por definição, estão presentes desde a primeira fase da Matriz de Identidade”. Na história da humanidade os papéis tem sua origem na Matriz de Identidade, que diz respeito ao berço psicológico de todos os desenvolvimentos de papéis.

#### a. Papéis psicossomáticos, papéis sociais e papéis psicodramáticos

Os papéis psicossomáticos, segundo Martins (2005), diz respeito à dimensão fisiológica, por isso, também podem ser chamados de papéis fisiológicos. Conforme Fonseca Filho (1980), eles estão relacionados com as funções fisiológicas como evacuar, urinar, comer, beber, etc. Esses papéis são os responsáveis por estabelecer as primeiras relações de um indivíduo com o seu ambiente. Constituem a base sobre a qual erguer-se-á os papéis sociais e os papéis psicodramáticos.

Percebe-se que os papéis psicossomáticos, como forma de funcionamento, segundo Lucchiari (1993), são os primeiros dentre os papéis precursores do “eu”. Para melhor entendimento do que sejam os papéis psicossomáticos, segue:

Apesar de atendidos pelos egos-auxiliares (pessoas que cuidam da criança), estes esboços de papéis não permitem relacionamento de pessoa a pessoa. Não se pode pressupor, pelo fato de serem chamados de “papéis”, que correspondam a unidades de ação bem delimitadas, nem que pertençam a um sujeito que se relaciona com outro, enquanto tal; a criança desse período ainda não tem uma unidade própria, e não estão diferenciados, para ela, outras pessoas e objetos. (GONÇALVES; WOLFF; ALMEIDA, 1988, p. 68).

A partir dos papéis psicossomáticos, inicia-se um movimento de aglutinação, onde, segundo Moreno (2006), cada papel erguido tende a se amarrar com outros, formando uma espécie de cacho de papéis.

Conforme Gonçalves; Wolff e Almeida (1988), dependendo da forma como os papéis psicossomáticos foram experimentados, sabe-se que o sujeito segue com o processo de assimilação de novas aglomerações de papéis. No início não é possível fazer clara distinção entre os papéis frutos da imaginação e os papéis reais.

Nem todos os autores psicodramatistas harmonizam em apontar os papéis psicossomáticos como papel, por considerá-los como funções absolutamente necessárias dos seres humanos. Bustos (1990) considera os papéis psicossomáticos duvidosos, por não preencherem alguns requisitos básicos para serem enquadrados na condição de papel, como é o caso da consciência.

Com relação ao papel social e ao papel psicodramático, destaca-se que o primeiro diz respeito a esfera da interação social, isto é, está associado à demarcação do contexto da sociedade; e o segundo, também conhecido como papel psicológico, está relacionado a vida psíquica do indivíduo, ou melhor dizendo, trata da dimensão psicológica do “eu”.

Os papéis psicodramáticos ou psicológicos, segundo Martins (2005), correspondem a esfera mais individual e singular do psiquismo do sujeito, à sua subjetividade, sua vida interior, tendo como função a imaginação e a fantasia, e podendo ser conscientes ou inconscientes.

Moreno (2006) observou que na trajetória normal do desenvolvimento a criança desempenha papéis psicodramáticos como exercício de preparação para o desempenho futuro dos papéis sociais. E adverte que os papéis sociais são desenvolvidos em uma etapa posterior, sustentando-se nos papéis psicossomáticos e psicodramáticos. Os papéis sociais, refletindo a dimensão social do sujeito, dizem respeito às relações sociais estabelecidas pelo ser humano no transcurso de sua existência.

Segundo Gonçalves; Wolff e Almeida (1988), os papéis sociais e psicodramáticos tornam-se distintos a partir da terceira fase da Matriz de Identidade, mantendo sua tensão dinâmica e continuando a delinear cachos de papéis, os quais se transformam no percurso da vida. E é por meio dessa dinâmica de aglomerações

de papéis, que são intercomunicantes, através dos vínculos operacionais, que é constituído o ego.

Considerados como conjuntos diferenciados de unidades de ação, os papéis sociais e psicodramáticos na fase da Matriz da Brecha entre Fantasia e Realidade, possibilitam a aquisição da capacidade para iniciar processos diferenciados de aquecimento para desempenho dos mais diversos tipos de papéis. Somente dessa forma é viável o exercício da espontaneidade com a adequação da atuação do indivíduo aos seus próprios papéis.

Os papéis se cruzam, se embaralham e se articulam de acordo com o momento experienciado, em virtude do relacionamento estabelecido com os outros e a objetividade sócio-cultural que os circunda.

#### b. Fases do desenvolvimento do papel

O desenvolvimento de um novo papel, conforme o nível de espontaneidade ou liberdade, passa por três fases diferenciadas: o *role-taking*, que significa a adoção ou a tomada do papel, consistindo na imitação de modelos que estejam disponíveis; o *role-playing*, experimentando de maneira simbólica as possibilidades de representação, consiste no jogar o papel; e por fim, o *role-creating*, é o desempenho do papel de forma criativa e espontânea.

Ao nascer um papel, produto da relação, a ação desse desempenho se pauta por referências de repetição. A pessoa se vale do conhecimento e das experiências dos outros para exercer esse papel. Assim, o papel é "tomado", ou seja, é um *role-taking*. Quando esse papel começa a ficar mais independente, sendo jogado com maior naturalidade e sendo então experimentado e ensaiado, ocorre a fase do *role-playing*; passada essa fase, esse papel passa a ter a característica de *role-creating*, ou seja, a espontaneidade e a criatividade são os eixos da ação. (DATNER, 2006, p. 39 – grifo do autor).

A compreensão das fases do desenvolvimento do papel auxilia na tomada de consciência sobre a localização do sujeito nas fases com o desempenho de seus papéis, pois se estiver na fase do *role-taking* tornar-se-á muito mais difícil que esse sujeito cumpra a exigência de ser mais criativo e espontâneo. Isso acontece porque ao iniciar o desempenho de um novo papel ficam aprisionadas a um padrão ou cumprindo regras estabelecidas, por isso são menos espontâneas.

### c. Papéis complementares

Segundo Martins (2005), para todo papel há um contra-papel que o complementa. Significa que no Psicodrama, todos os papéis existentes são complementares entre si. Para que exista a complementariedade, é necessário ter consciência do vínculo da existência de uma ponte que unifica, mas que também divide.

A maneira de ser no mundo e a identidade do sujeito são resultados dos papéis exercidos no decorrer da vida e das experiências vividas, com a obtenção de respostas das interações sociais, por papéis que vão se complementando.

Todos os papéis são complementares. São unidades de ação realizadas em ambiente humano ou na expectativa de inter-relação. Por exemplo, mesmo antes de seu encontro com Sexta-Feira, Robinson Crusoe, na solidão, agia a partir de uma série de papéis adquiridos em sua cultura e mantidos na expectativa de voltar ao convívio social. (GONÇALVES; WOLFF; ALMEIDA, 1988, p. 74)

Não existe papel de patrão se não houver papel de empregado e o contrário também. As objeções, crises e transmutações dos papéis complementares constituem parte do movimento natural da história. Fala-se que os papéis protestantes ou parceiros, de diferentes sujeitos, completam um o significado do outro. Até mesmo os papéis psicossomáticos são complementados por papéis como o de ego auxiliar e o da pessoa que alimenta.

Conforme Bustos (1990) e Martins (2005), existem dois tipos de vínculos que permeiam todas as relações humanas: os vínculos simétricos e os vínculos assimétricos. Os primeiros estão relacionados a uma complementariedade de papéis de igual responsabilidade, o que indica uma simetria no relacionamento, como por exemplo os vínculos de amigos, irmãos e amantes. E os vínculos assimétricos correspondem aos papéis polares como os de médico-paciente, pai-filho, professor-aluno.

### d. Papel profissional e a diferenciação do papel funcional

O meio social, por sua característica de dinamismo, se organiza

variavelmente em épocas e contextos diferentes, transformando-se em fator da condição, circunstância e desenvolvimento do papel profissional ao suscitar e instituir as expectativas e questões sociais para as diversas profissões.

Contudo, ainda que as profissões sejam consumidas socialmente, tal fato não alude que o sujeito, no momento em que se estabelece profissionalmente, irá receber um papel profissional pronto e definitivo. Muito pelo contrário, como comentado acima, em virtude da dinâmica social, o papel profissional está constantemente sendo (re)construído. Desse jeito, no dia-a-dia do exercício profissional, cada pessoa arquiteta seu papel profissional, carregando-o e colaborando para a recriação do papel profissional social.

Devido ao caráter abrangente do termo papel, é possível encontrar o papel profissional e o papel funcional em uma mesma definição. Sobre a questão profissional, define-se:

Profissão é um acervo de conhecimentos específicos e técnicos de um determinado conhecer e saber fazer, acrescido das vivências e situações vividas durante o percurso não só de formação desse profissional como de tudo que antecedeu à sua entrada na profissão. (DATNER, 2006, p. 40).

Estabelecendo-se uma diferenciação entre o papel profissional e o papel funcional, conforme Datner (2006), o primeiro considera o desenvolvimento pessoal e o segundo trata do ponto de vista preciso e a expectativa e as requisições da organização. Portanto, cabe salientar que o papel profissional nada mais é do que um dos papéis que o indivíduo desempenha dentro do conjunto de papéis que são desenvolvidos ao longo da vida. Ele pertence ao sujeito e não a organização e é exercido na obra laborativa, independentemente da função assumida. Datner (2006), p. 41, menciona, “[...]. O trabalho de um autônomo, de um profissional terceirizado que trabalhe fora de empresa ou que exerça uma atividade independente será igualmente regido pelo seu papel profissional em ação”. Assim, há o exemplo do papel gerencial que faz referência a descrição de um cargo como reivindicação organizacional, é um papel funcional. Em contrapartida, quando a referência é feita a reunião de competências pessoais que são relacionadas com a atividade laboral e permitem ao sujeito assumir um cargo dentro de uma empresa, fala-se em papel profissional.

[...]. Quando um gerente sai de uma empresa, ele deixa um cargo, mas nunca o seu papel profissional. Ele o leva consigo para qualquer lugar ou organização. Quando um candidato em processo de seleção é contratado, é o acervo do seu papel profissional mobilizado para a ação que lhe dá as condições de assumir e exercer (ou não) um cargo. (DATNER, 2006, p. 41).

### 2.2.3 Matriz de identidade e desenvolvimento humano

A Matriz de Identidade equivale ao “local” onde se abriga a formação da identidade do indivíduo. O desempenho de um papel não é algo que acontece de forma súbita e definitiva é, na verdade, um movimento vivo e dinâmico composto por etapas superpostas e que com frequência atuam em conjunto.

A criança chega ao mundo dentro de uma rede social, composta pela família e suas relações próximas. Este conjunto de relações para Moreno se chama “matriz de identidade”, a qual condiciona valores sociais e dinâmicas que hão de marcar profundamente a vida do novo ser. (BUSTOS, 1990, p. 99).

O processo de aquisição e desenvolvimento de papéis deve ser acompanhado desde os primórdios da existência. Para isso, Moreno utilizou três premissas para explicar as fases da Matriz de Identidade, apresentadas a seguir:

**Matriz de Identidade Total Indiferenciada** - os papéis psicossomáticos são predominantes nessa fase, por ter como base o funcionamento fisiológico dos seres humanos. Necessita de uma outra pessoa, o ego auxiliar, para prestar atendimento aos desejos da criança, que apresenta com o mundo um relacionamento indiferenciado. Dependendo de como essa fase foi experienciada, a pessoa irá seguir com o processo de aquisição de novas aglomerações de papéis. (MARTINS, 2005)

**Matriz de Identidade Total Diferenciada ou de Realidade Total** - nessa fase ainda não acontece uma distinção entre o que é real e o que é fruto da imaginação. O que ocorre é a imitação do que é observado pela criança, iniciando um processo de adoção de papéis. Existe um movimento da criança de reproduzir aquilo que é feito pelo outro. (MARTINS, 2005).

**Matriz da Brecha entre Fantasia e Realidade** - é nessa fase que se dá a distinção

entre fantasia e realidade, ou seja, entre o que é originário da imaginação e o que é concreto, favorecendo significativamente para o surgimento dos papéis psicodramáticos. É aqui que acontece o reconhecimento do eu e o reconhecimento do tu. A criança começa a distinguir aquilo que é seu e aquilo que é do outro. Começam a emergir também os papéis sociais. (MARTINS, 2005).

a. Identidade total: o momento da indiferenciação

Segundo Gonçalves, Wolff e Almeida (1988) o indivíduo é um ser cósmico. Ele deriva do cosmos, e apresenta como destino o cosmos. Isto significa que o cosmos corresponde ao seu nascedouro, assim como ao seu tálamo de morte.

Esse período, de acordo com Yozo (1996), é caracterizado pela necessidade de um ego auxiliar, que é a figura de alguém que irá praticar aquilo que a pessoa não consegue desempenhar sozinha, ou melhor, alguém que consiga entender o que ela almeja. Isto porque, é a etapa na qual, em se tratando do desenvolvimento infantil, a criança não consegue sobreviver por conta própria.

É justamente a etapa de identidade cósmica que funciona como pedra angular para a técnica psicodramática do duplo. Aqui, o papel do ego-auxiliar, na técnica do duplo, consiste em dar expressão aos sentimentos e pensamentos, os quais o protagonista não entende ou não consegue dar vazão. Vale destacar que a figura do ego auxiliar, no dia-a-dia do indivíduo, pode ser desempenhada por qualquer pessoa que assuma a função descrita.

Aqui a criança, a mãe e o mundo constituem um todo inseparável numa completa e espontânea identidade. A criança depende de alguém, que a auxilie, para sua sobrevivência, alguém que faça por ela aquilo que ainda não pode fazer por si mesma, de maneira semelhante ao que faz o doublé do cinema. [...] (GONÇALVES; WOLFF; ALMEIDA, 1988, p. 87).

O papel do psicodramatista nesse momento é fazer com que o protagonista resgate a sua criatividade e espontaneidade utilizando-se de sensibilidade e técnicas.



## b. Simbiose

Ao atingir a segunda etapa do desenvolvimento, percebe-se que a experiência de identidade cósmica ou total inicia um processo de diluição. O sujeito caminha na direção de uma identidade própria, para poder distinguir o “outro”, ou seja, discriminar o tu e o resto do mundo. Todavia, ainda não é possível fazer isso totalmente, por persistir uma intensa ligação. A esse respeito, Fonseca Filho (1980) p. 86, diz: “A permanência desse anel de ligação, ou o seu não desligamento definitivo, poderá gerar inconfundíveis traços na personalidade do futuro adulto e em sua maneira de ser no mundo [...]”.

É o mesmo que dizer que perdurará uma espécie de barbante umbilical psicológico. O princípio do duplo também rege esse período.

## c. Reconhecimento do eu

É o momento do reconhecimento de si próprio, de descobrir a própria identidade. É como se fosse, de acordo com Fonseca Filho (1980), um movimento centrípeto sobre si mesmo. Em termos somáticos, trata-se do período em que o sujeito começa a ter consciência de seu corpo no mundo.

“A criança concentra a sua atenção em outra pessoa e estranha parte de si mesma”. Quando olha na superfície da água ou no espelho, a criança não percebe que é sua imagem que vê, mas de qualquer forma o que vê a atrai muito e, para testar, ela faz vários movimentos e caretas. Aos poucos, percebe que o “espelho” repete os seus movimentos e, para testar, torna a fazer vários movimentos e caretas. Finalmente reconhece que a imagem é dela própria, havendo aí um importante marco no seu processo de desenvolvimento. [...]” (GONÇALVES; WOLFF; ALMEIDA, 1988, p. 88).

Segundo Yozo (1996), é chamada de fase do espelho, pois o protagonista, mesmo não possuindo um espelho real, observa seu comportamento como se estivesse num espelho, por meio de um ego auxiliar.

## d. Reconhecimento do tu

Nessa fase ocorre a polarização do sujeito no tu. Isto significa se aperceber da existência do outro, de descobrimento do mundo. Entende-se contudo,

que simultaneamente a pessoa continua a reconhecer-se como indivíduo, no processo de individuação. O reconhecimento do eu e do tu caracterizam um único processo.

#### e. Relações "em corredor"

Nesta etapa o sujeito já apresenta o "eu" e o "tu" devidamente reconhecidos. Adquire uma envergadura discriminatória entre a fantasia e a realidade, entre o que é o indivíduo e o que é o restante do mundo.

O aperfeiçoamento das capacidades cognitivas e emocionais segue em frente. A criança vai relacionando-se com os Tus de sua vida. O Tu, a esta altura, não significa só a mãe. Há um Tu de cada vez, pela frente. Executa "relacionamentos em corredor". Quero dizer com essa expressão que a criança, nesta fase, faz relacionamentos exclusivistas e possessivos. Está identificada como pessoa, distingue o outro, mas sente que o Tu existe só para si: "O Tu é meu e de mais ninguém". Seriam reflexos naturais de seu recente passado em que se sentia una com o Tu. Refuga a possibilidade do seu Tu fazer relação com outros Tus. (FONSECA FILHO, 1980, p. 89).

Nesse período o sujeito sente-se central, como se fosse único,, por ainda não ter captado o mundo e o relacionamento das pessoas que o cercam, como fazendo parte de um todo. Ou seja, não conseguiu internalizar a sociometria.

#### f. Pré-inversão

A pré-inversão é uma espécie de treinamento protegido que antecede a inversão de papéis propriamente dita. Diz respeito a um momento preparatório que conduz a inversão completa e acabada.

#### g. Triangulação

Aqui há a "crise de triangulação". Segundo Fonseca Filho (1980), coloca como "crise de triangulação" o fato de ressaltar a questão comunicacional da relação, que até então era caracterizada por ser bi-pessoal, e nessa etapa passa a ser triádica. A forma ideal de resolver essa "crise de triangulação" está em fazer a criança aceitar o fato de que as pessoas possuem relacionamentos

independentemente dela e, que basicamente isso não a ameaçaria de prejuízo afetivo.

#### h. Circularização

Após a passagem pelas etapas das relações bipessoais e triangulares, o indivíduo tem a possibilidade de relacionar-se com o “eles” e, também, de sentir-se como parte de uma comunidade, de um conjunto, deixando-se entrar no mundo do “nós”. A perspectiva de incluir-se no grupo, de deixar o “eu-eles” para viver o “eu-nós”, constituirá um importante passo para que seus relacionamentos grupais e sociais futuros.

De tal modo, a etapa de circularização concebe o ingresso do ser humano na experiência sociométrica dos grupos, como se observa no trecho a seguir:

Ultrapassada a fase triangular do seu desenvolvimento, a criança estará preparada para relacionar-se com mais pessoas (mais do que duas, mais do que três). Teremos a “fase de circularização” quando passa a entrar em contato com grupos!, amigos, escola, etc. Corresponde ao que se denomina de socialização da criança. (FONSECA FILHO, 1980, p. 93)

#### i. Inversão de papéis

Segundo Fonseca Filho (1980) a inversão de papéis é a capacidade que o indivíduo possui de se colocar no lugar do outro e perceber o outro se colocar no seu lugar. Atingir a etapa de inversão de papéis constitui-se em um sinal de saúde psicológica e de maturidade. Muitas vezes, é por meio da técnica psicodramática de inversão de papéis que é possível detectar toda a carga transferencial, ou melhor dizendo, a doença, que o “eu” coloca no “tu”, de maneira que o “eu” acaba se relacionando consigo mesmo, com corporaturas internalizadas suas, e não necessariamente com um “tu” legítimo. Portanto, após todo esse treinamento de jogar papéis é que o ser humano vai alcançar a capacidade total de obter uma relação humana de mutualidade e reciprocidade.

## j. Encontro

O encontro, de acordo com Fonseca Filho (1980), corresponde a um momento de profunda loucura, que representa um momento de saúde do relacionamento, como se fosse um orgasmo de vida, no fragmento de tempo em que se realiza a perda de identidade, temporal, espacial e pessoal. Nada mais é do que uma reconexão cósmica através dos elementos do cosmos que todos carregam em seu interior. É voltar às origens. Os envolvidos no encontro regressam fortalecidos, revitalizados em suas próprias identidades.

Saúde e doença distinguem-se uma da outra pelo fato do caminho, sentido ou da direção a ser tomada. Alguns buscam a saúde caminhando para a frente, por meio da experiência do outro, isto é, através do encontro, resultando no reviver cósmico. Ao contrário, existem outros que procuram para trás, de maneira regressiva, dando passos atrás. Da mesma forma que os primeiros, eles também buscam o cosmos, no entanto, o fazem no sentido oposto, retornando a etapas anteriores e permanecendo na doença.

Há uma estreita relação entre a Matriz de Identidade e os tipos de papéis: os papéis psicossomáticos, os papéis psicodramáticos e os papéis sociais. E, mais uma vez, verificou-se que os papéis psicossomáticos e os papéis psicodramáticos são constituídos anteriormente aos papéis sociais. A forma como cada sujeito desempenhará os papéis sociais é resultado de suas experiências anteriores.

### **2.2.4 Outros conceitos psicodramáticos**

O ser humano é dotado desde o nascimento de recursos como a espontaneidade e a criatividade, segundo Martins (2005), fatores favoráveis ao seu pleno desenvolvimento. No entanto, essas condições inatas, que beneficiam a existência e a criação, podem ser abaladas. A alternativa é a recuperação desses fatores vitais, por meio da renovação dos relacionamentos afetivos e da atuação transformadora sobre o ambiente. A recuperação trata-se da revolução criadora de Moreno que tem por base o resgate da espontaneidade e criatividade, rompendo

com a padronização comportamental e com o automatismo dos seres humanos (conserva cultural).

#### a. Espontaneidade

O conceito de espontaneidade, também chamado de fator E, segundo Gonçalves; Wolff e Almeida (1988), prega que toda nova situação que surge no cotidiano dos indivíduos exige um comportamento, uma ação ou uma resposta adequada, a qual reveste-se de plasticidade na adaptação, flexibilidade e mobilidade do “eu”. Isto porque, a pessoa emerge para a vida carregada de espontaneidade, que por razões adversas do meio ambiente, é solapada. Ou ainda, uma ação transformadora, inédita, para situações já existentes.

Conforme Gonçalves; Wolff e Almeida (1988), por mais que existam sujeitos que vivam isolados do convívio das outras pessoas, ainda assim, os seus comportamentos e ações pautam-se na imagem que possui de si próprio, dos outros e dos relacionamentos com estes. E, conforme Martins (2004), aponta que o ser humano altamente espontâneo extrairá o máximo de proveito dos recursos que possui a disposição, como aptidões, memória e inteligência, e possivelmente ultrapassará o indivíduo que é superior nesses recursos, mas tira o mínimo de proveito deles.

Martins (2005) afirma que os aspectos que envolvem a espontaneidade, como herança natural dos seres humanos, são perdidos ao longo do tempo em virtude das condições sociais que se apresentam desfavoráveis para o desenvolvimento do fator E. Sendo assim, é crucial possibilitar aos homens a recuperação da espontaneidade, pois a reintegração do ser espontâneo permite a vivência no mundo de forma saudável, enfrentando com maestria os desafios da vida.

#### b. Criatividade

A criatividade é um conceito que está intimamente ligado à espontaneidade, não sendo possível dissociá-las. Porém, de acordo com Martins (2005), não significa que sejam necessariamente processos semelhantes ou idênticos. Inclusive, diz-se que uma pessoa pode ser altamente espontânea, mas

carecer de criatividade. É uma espécie de espontaneidade estúpida. O contrário também acontece, ou seja, uma pessoa com alto grau de criatividade e desprovida de espontaneidade, é como um coração que não bate, não tem vida. É primordial que ambas caminhem lado a lado, impulsionando os seres humanos para o exercício vital.

Consiste no movimento de expansão na vida que manifesta a espontaneidade, considerando uma fazendo parte da outra, como um casamento. Deduz-se então, conforme Martins (2005) que quanto maior for o número de respostas espontâneas e criativas os indivíduos produzirem, mais fácil será o alcance de transformações sadias, como também o desenvolvimento de novos papéis.

#### c. Conserva cultural

A conserva cultural nada mais é do que o combinado de material espontâneo e criador, esculpido em formato imutável. Implica dizer, segundo Fonseca Filho (1980), que por mais bem sucedida que seja determinada criação espontânea, abandona esse estado no momento em que se conserva. Com outras palavras, Martins (2005), explica que conserva cultural corresponde a tudo o que um dia já foi idealizado, construído e finalizado, podendo ser um texto, uma pintura, um desenho, entre outras coisas. Com isso, alega-se que o essencial é o ato da criação e não o produto final.

Todavia, segundo Martins (2005), destaca a necessidade de existir determinadas regras, normatizações e padronizações de procedimentos, no entanto, não devem servir como elementos escravizantes dos sujeitos, enrijecendo comportamentos e impedindo a manifestação da capacidade criadora. Martins (2004) sublinha a necessidade imperativa dos profissionais que acreditam no potencial criativo dos seres humanos de atuarem com a quebra de paradigmas, principalmente em relação à postura passiva que muitos indivíduos apresentam na vida. Tarefa difícil, mas não impossível.

#### d. Empatia

Conforme Gonçalves, Wolff e Almeida (1988), a empatia pode ser entendida como uma tendência para sentir o que se sentiria caso estivesse na situação e circunstâncias experimentadas por um outro sujeito. Corresponde a um relacionamento em sentido único. A sensibilidade empática permite que o sujeito penetre e compreenda o outro, no entanto, não necessariamente envolvendo uma relação de mutualidade. Ou seja, é a capacidade de captar os sentimentos e emoções de uma outra pessoa ou que de alguma forma se encontrem contidas nos objetos.

#### e. Tele

Tele é diferente de empatia. Segundo Gonçalves, Wolff e Almeida (1988) é a inclinação de se perceber de maneira objetiva o que acontece nas situações e o que se passa entre as pessoas, uma espécie de reciprocidade empática. Isto é, um relacionamento de dupla direção. Desenvolve-se por meio das relações de sentimentos de uma pessoa para com outra, como sensibilidades interpessoais. A relação télica pode existir entre indivíduos e objetos e é construída a partir do nascimento do sujeito. Este fenômeno influencia de forma decisiva sobre a comunicação em virtude do fato de que o sujeito só se comunica a partir daquilo que é capaz de perceber. Em outras palavras, tele é a percepção mútua entre duas pessoas.

### **2.2.5 Sessão psicodramática**

É por meio da sessão psicodramática que os trabalhos são concretizados, conforme Martins (2005). Independentemente do lugar a ser aplicado o trabalho, há uma forma específica e procedimentos particulares que orientam o desenvolvimento do trabalho numa sessão de psicodrama.

A sessão psicodramática é composta por três contextos, cinco

instrumentos e três etapas. Os contextos são: o grupal, o social e o dramático; os instrumentos são: cenário, protagonista, diretor, ego auxiliar e público ou platéia, e as etapas: aquecimento, dramatização e compartilhar.

#### a. Contextos

Diz-se que contexto, segundo Gonçalves; Wolff e Almeida (1988), é a cadeia de vivências coletivas e particulares, de indivíduos que estabelecem relacionamentos interpessoais no tempo e no espaço. O contexto grupal apresenta por demarcação o próprio grupo. É constituído pela realidade do grupo, pela delimitação do tempo cronológico estabelecido e acertado previamente, e por um espaço real.

O contexto social, conforme Gonçalves; Wolff e Almeida (1988) e Martins (2005), está intimamente relacionado à realidade social, corresponde ao grupo maior, a sociedade. Caracteriza-se pelos regulamentos e pelas leis impostas ao sujeito que faz parte desse contexto, determinadas responsabilidades e comportamentos. As pessoas que participam do grupo numa sessão de psicodrama trazem consigo componentes sociais, sendo assim, em alguns momentos representará o social mais abrangente, em outros poderá representar o núcleo familiar, etc. É regido pela objetividade social, pelo tempo cronológico e pela geografia do espaço.

De acordo com Martins (2005), o contexto dramático diz respeito a uma noção de tempo subjetiva, da mesma forma o espaço é virtualmente demarcado pela criatividade e pelo imaginário. Nesse contexto tudo acontece no “como se” da imaginação e da fantasia, com o desenvolvimento dos papéis psicodramáticos ou a representação dos papéis sociais.

#### b. Instrumentos

O instrumento, baseado em Gonçalves; Wolff e Almeida (1988), nada mais é do que a forma utilizada na execução do método e das técnicas psicodramáticas. Como primeiro instrumento, tem-se o cenário, que segundo Martins



(2005), que diz respeito ao lugar onde a ação acontece, podendo ser qualquer local que tenha sido destinado e preparado para a sessão de psicodrama.

O protagonista, de acordo com Gonçalves; Wolff e Almeida (1988), é representado pelo indivíduo que emerge para a ação dramática, simbolizando os sentimentos em comum do grupo. Em outras palavras, conforme Martins (2005), é o participante do grupo que encontra-se mais mobilizado para a dramatização. A figura protagônica não precisa ser necessariamente um indivíduo, pode ser um grupo, e então, o Psicodrama será chamado de Sociodrama.

O diretor é o condutor da ação. Segundo Martins (2005), o diretor apresenta a responsabilidade de auxiliar o protagonista. Ele possui três funções principais: a função de produtor, a função de terapeuta e a função de analista social.

Conforme Martins (2005), a função de produtor está ligada a questão da busca, juntamente com o ser protagônico e com os egos auxiliares, do melhor rumo a ser seguido na dramatização. A função de terapeuta diz respeito a realização de todas as etapas e utilizar os instrumentos no contexto dramático, sem perder de vista o foco terapêutico. E a função de analista social está associada a análise que o diretor precisa fazer, junto ao protagonista e aos egos auxiliares, das informações trazidas comparando-as com as suas próprias observações, promovendo uma leitura do trabalho e a reflexão acerca do que foi vivenciado.

O ego auxiliar, segundo Gonçalves; Wolff e Almeida (1988) e Martins (2005), é a pessoa que auxilia o diretor e participa das dramatizações interagindo com o protagonista. Apresenta função tríplice de ator, auxiliar do protagonista e observador social. A função de ator é a da representação de papéis. Auxiliar do protagonista é a função do ego auxiliar que corresponde ao movimento de extensão do diretor. E a função de observador social é a de observar os inter-relacionamentos que sucedem na situação experienciada na dramatização e comunicá-los ao diretor.

O público, em termos gerais, conforme Gonçalves; Wolff e Almeida (1988), são os demais participantes de uma sessão psicodramática. Ele apresenta dois objetivos bem marcados, o de ajudar a figura protagônica ou tornar-se o próprio protagonista.

### c. Etapas da sessão

A sessão de psicodrama é formada por três etapas bem definidas: o aquecimento, a dramatização e o compartilhar. A etapa do aquecimento é primordial para que a sessão psicodramática aconteça de forma apropriada, fazendo com que a pessoa se afaste do contexto social e adentre verdadeiramente o contexto grupal, e mais a frente o contexto dramático. Permite que o sujeito volte sua atenção para si mesmo e concentre-se no que está acontecendo naquele exato momento. Na sessão de psicodrama o aquecimento é dividido em aquecimento inespecífico e aquecimento específico.

O aquecimento inespecífico, segundo Martins (2005), está relacionado aos iniciadores físicos ou corporais, os iniciadores mentais e os iniciadores ideativos ou imaginativos, podendo ser um aquecimento com base no verbal ou no corporal. As atividades do aquecimento inespecífico se caracterizam pela neutralidade e por não apresentarem metas pré-estabelecidas.

Martins (2005) aponta que o aquecimento específico tem por finalidade preparar o sujeito protagonista para a dramatização. Conforme Cukier (1992), o aquecimento específico acontece quando o diretor já decidiu qual recurso técnico irá usar na dramatização, e também é caracterizado por objetivo e consigna mais precisas.

De acordo com Dias (1996) p. 99, “A dramatização é o ponto alto do psicodrama e é seu principal instrumento para a abordagem tanto dos aspectos ligados ao Universo Relacional como ao Universo Intrapsíquico”.

A dramatização, conforme Martins (2005), é a etapa na qual é identificado o conteúdo (cena) mais adequado para dar início a ação dramática. Cria-se uma atmosfera de afetividade e acolhimento, buscando assim deixar o mais a vontade possível o sujeito protagonista. Com isso, facilita-se a vivência de emoções e sentimentos, possibilitando a emersão dos conflitos para que se possa trabalhá-los.

Segundo Cukier (1992), o compartilhar diz respeito ao momento em que os membros do grupo são convidados a falar sobre as emoções, os pensamentos e sentimentos que surgiram em virtude do trabalho dramático. Martins (2005) comenta que o compartilhar ou *sharing* é a etapa da sessão que oferece ao público ou platéia a possibilidade de comunicar seus sentimentos. Aqui acontece a integração de

aspectos individuais e coletivos. É o compartilhamento de todos, inclusive do diretor e dos egos auxiliares, das emoções que vieram a tona ao longo da dramatização.

A sessão de Psicodrama abarcando todas essas etapas, contextos e instrumentos é capaz de ser aplicada nos múltiplos trabalhos com grupos em seus mais distintos espaços. Martins (2005) realça que o fato de tratar do grupo caracteriza-se em uma formidável alternativa ao tratamento de um sujeito solitariamente. A chave para seu efeito terapêutico reside no fato de que o grupo, por mediação de um de seus participantes, é representado em cena como uma unidade no transcorrer da sessão de psicodrama.

### **2.2.6 Técnicas psicodramáticas**

#### **a. Espelho**

Gonçalves, Wolff e Almeida (1988) explicam que na técnica do espelho o protagonista mesmo não possuindo um espelho real, observa seu comportamento como num espelho, por meio do auxílio de um ego auxiliar, que o representa no cenário. O espelho proporciona a visão de si mesmo sob a óptica do outro, agindo como fator de percepção de sua identidade.

#### **b. Inversão de papéis**

A técnica da inversão de papéis, segundo Gonçalves, Wolff e Almeida (1988), diz respeito ao protagonista assumir o papel do outro e vice-versa. Ressalta-se que para que ocorra uma real inversão de papéis é necessário que as duas pessoas estejam presentes.

### c. Concretização

Para Gonçalves, Wolff e Almeida (1988), a concretização objetiva tornar manifesto o conteúdo daquilo que é simbolizado verbalmente. Trata-se da representação de coisas inanimadas, entidades abstratas, etc.

## 2.3 JOGOS PSICODRAMÁTICOS

Os jogos psicodramáticos, também conhecidos por jogos dramáticos pertencem ao corpo teórico do Psicodrama. Todavia, considerando sua relevância para este trabalho, julgou-se necessário e oportuno fazer esse destaque. Segundo Martins (2005), eles se apresentam como um dos principais recursos empregados na sessão psicodramática. O diferencial dos jogos psicodramáticos é que eles acontecem, diferentemente de outros jogos, no contexto dramático. Apresentam por objetivo mobilizar os conteúdos interiores dos sujeitos, com a intenção de transformar o seu mundo interno.

O jogo dramático ou psicodramático, de acordo com Cukier (1992), pode ser entendido como um jogo que possui dramaticidade. Não é uma simples brincadeira com regras estabelecidas, ele é sério e visa promover uma aproximação terapêutica de um conflito existencial.

Para Moreno, o jogo psicodramático serve como facilitador no trabalho com grupos. Por meio do recurso do jogo as pessoas se permitem a vivência lúdica. O jogo promove o movimento dos sujeitos que saem de um território de tensão para um espaço mais relaxado, que é o campo da ludicidade.

[...] como todo jogo, o jogo dramático tem suas regras, que, neste caso, aparecem como dramatizações com estruturas mais ou menos definidas *a priori* pelo terapeuta, nas quais o paciente atuará, recheando-as com seus conteúdos [...]. (CUKIER, 1992, p. 75)

Segundo Yozo (1996), o jogo dramático encontra-se contemplado na

teoria psicodramática, e é chamado de jogo pelo fato de aflorar o lúdico, e é dramático porque busca trabalhar as questões e os conflitos emergidos. É uma espécie de instrumento, de extrema eficiência, que conta com inúmeros recursos. Ele tem como característica levar o indivíduo à liberação da criatividade e espontaneidade, desentorpecendo a mente e o físico dos condicionamentos do mundo atual, não deixando acontecer a massificação dentro das conservas culturais.

#### a. Características

O conhecimento das características dos jogos psicodramáticos permite especificar o jogo a ser utilizado e suas finalidades, localizando e demarcando o papel do Diretor. De acordo com Yozo (1996), o jogo dramático é uma atividade que deve ter a aceitação dos participantes para a prática do jogo, e os sujeitos devem possuir liberdade para a interrupção, caso haja necessidade. É a característica do voluntarismo do jogo.

Os participantes precisam aceitar as regras estabelecidas pelo jogo psicodramático. Então, possuir regras absolutas e peculiares é uma outra característica dos jogos. Segundo Yozo (1996), outra característica é o tempo, ou seja, o jogo precisa ter uma duração determinada que será variável conforme o jogo. Assim como a questão temporal é importante, o espaço para jogar, que é o próprio contexto dramático, é essencial.

A predisposição dos participantes para jogar, conforme Yozo (1996), possibilita a interrupção temporária ou o desprendimento de sua vida concreta e objetiva. Por fim, tem-se a característica da objetividade, isto é, ter um objetivo claro, procurando identificar e resolver problemas.

#### b. Princípios

O jogo psicodramático, segundo Yozo (1996), apresenta a mesma estrutura de procedimentos da sessão psicodramática, considerando três contextos (grupal, social e dramático), cinco instrumentos (cenário, protagonista, diretor, ego auxiliar e auditório) e três etapas (aquecimento, dramatização e compartilhar).

Com relação as fases de procedimentos do jogo psicodramático existe além do aquecimento, dramatização e comentários, o acréscimo de duas etapas: o processamento e o processamento teórico. O processamento trata-se da releitura do que se passou na dramatização e nos comentários, feita pelo Diretor e Ego Auxiliar. O processamento teórico tem por intuito introduzir conceitos, teorias e objetivos propostos, e é aplicado com fins didáticos.

Yozo (1996) salienta que é preciso respeitar o ritmo, o tempo e o espaço interiores de cada sujeito, facilitando o entendimento desses limites. E destaca que, para a eficaz aplicação dos jogos psicodramáticos, faz-se imperativo considerar dois aspectos de real importância: o indivíduo e o grupo. Com relação ao primeiro aspecto, qualquer jogo permite analisar a dinâmica de cada participante e a sua concernente fase da Matriz. Indo mais além, pondera-se o desenvolvimento do papel do sujeito. Lembra-se que um papel possui três fases demarcadas: *role-taking*, que é a tomada de um novo papel; *role-playing*, que é o jogar com o papel propriamente dito e o *role-creating*, que é a fase onde o sujeito cria sobre o papel.

Yozo (1996), elaborou um esquema com base na teoria da Matriz de Identidade, com quatro momentos distintos que precisam ser seguidos. O autor explica que na dinâmica do grupo existe um movimento coerente, o qual deve ser percebido para se adaptar os jogos.

O primeiro momento ou fase é o do EU-COMIGO, que segundo Martins (2005), é o momento em que a pessoa se localiza no espaço grupal e se identifica. O EU-COMIGO corresponde a primeira fase da Matriz de Identidade (Identidade do Eu). O segundo momento é o do EU E O OUTRO, ou seja, após a pessoa já ter se identificado no grupo, passa a perceber e identificar o outro. Intimamente conexo à segunda fase da Matriz (Reconhecimento do Eu).

De acordo com Yozo (1996), tem-se o terceiro momento, chamado de EU COM O OUTRO, aqui a pessoa procura perceber como o outro, isto é, como é, o que sente e o que pensa, também iniciando a inversão de papéis. Diz respeito à terceira fase da Matriz (Reconhecimento do Tu). E o quarto momento, o do EU COM TODOS, conforme Martins (2005), é nessa fase que a pessoa estabelece relacionamentos com todos do grupo, na tentativa de alcançar identidade e coesão grupal.

Finalizando, Martins (2005), comenta que a trajetória que os indivíduos percorrem na direção do autoconhecimento e do conhecimento daqueles que os

cercam, assim como, os esforços empreendidos para compreender como são formados os vínculos de afetividade é condição primordial para se atingir uma mudança pessoal e de vida. E os jogos surgem justamente como facilitadores desse processo.

### **CAPÍTULO 3 METODOLOGIA**

A ciência, de acordo com Marconi e Lakatos (2003), é uma sistemática de conhecimentos, uma reunião de conjecturas coerentemente correlacionadas a propósito de determinados fenômenos que se pretende estudar. O conhecimento científico trabalha com fatos ou ocorrências, ou seja, com toda forma de existência manifestada. Suas conjecturas apresentam sua veracidade ou falsidade sabida por meio da experiência. Trata-se de um conhecimento sistemático, com saberes ordenados de forma lógica, construindo um sistema ideário. Constitui-se em um conhecimento verificável e falível, por não ser definitivo, incondicional e derradeiro.

O método adotado nesta pesquisa foi o qualitativo por se tratar da construção e do desenvolvimento do papel profissional de pessoas com deficiência visual, com base na utilização da metodologia psicodramática. Segundo Freitas (2002), a pesquisa qualitativa procura a superação dos reducionismos, característicos das concepções empiristas e idealistas. A idéia é que o ser humano seja analisado e compreendido em sua totalidade, em um movimento dialético e articulado de seus aspectos internos e externos - sem privilegiar ou desconsiderar uma das partes. Assim, deve-se ter o cuidado de pesquisar os sujeitos do estudo, ou melhor dizendo, o grupo, em sua unidade de corpo e mente, como um ser biológico e também social, um ser integrante da espécie humana e que compartilha ativamente da construção histórica na qual está implicado.

A perspectiva de ordem qualitativa é dialógica, ou seja, trata-se da interação entre sujeitos que se relacionam. O sujeito investigado, Freitas (2002), é um ser de expressão e de ação, ou seja, a sua posição é de indivíduo ativo com o qual o pesquisador institui uma relação viva, com a predominância do diálogo e da ação. Como a pesquisa é concebida numa relação entre sujeitos, conseqüentemente, ocorre transformações. O pesquisador apresenta papel significativo para o êxito da pesquisa, na medida em que faz parte da situação estudada, não tendo como manter-se neutro, ele integra a análise por meio de suas ações e efeitos. Deste modo, o foco da pesquisa não está na exatidão do conhecimento, mas na interação do pesquisador e do pesquisado, que aprendem e se modificam durante todo o processo de pesquisa.



Este estudo constitui-se em uma pesquisa exploratória. Conforme Gil (2002), o intento de se realizar uma pesquisa exploratória é de tornar o assunto mais conhecido, ou seja, uma forma de possibilitar uma maior familiaridade com o tema, propendendo a clareza acerca da idéia.

Thiollent (1996), trabalha a questão da pesquisa-ação, elucidando que se trata de uma espécie de pesquisa social, que é idealizada e alcançada em íntima associação com uma ação, que pretende resolver um determinado problema coletivo, e que é caracterizada pela participação e cooperação entre os pesquisadores e os participantes representativos do problema, como é o caso da presente pesquisa.

Para não haver ambiguidade, uma pesquisa será rotulada de pesquisa-ação quando realmente houver efetiva ação das partes envolvidas ou grupos implicados no problema sob observação. Indo mais além, é preponderante que a ação seja um ato não-comum, significando uma ação problemática fazendo jus ao processo de inquirição para ser organizada e conduzida

Gil (2002) aponta que a pesquisa-ação se individualiza pelo abarcamento dos pesquisados e dos pesquisadores no transcorrer de seu curso. Sendo assim, é possível afirmar que a pesquisa-ação distancia-se das diretrizes da pesquisa científica acadêmica. Os estudiosos da pesquisa-ação apóiam a mudança da objetividade da pesquisa empírica clássica pela “relatividade observacional”. Segundo Thiollent (1996), o mundo real não é algo fixo e imutável e o observante e seus utensílios de trabalho cumprem papel ativo na coleta, exame e interpretação dos dados. Os teóricos que pregam a “relatividade observacional” a integram à postura dialética, que focaliza a questão da objetividade de forma distinta do positivismo.

A dialética busca capturar os fatos históricos, qualificados pelo constante devir. Privilegia, muito mais o sentido conflitante da realidade social. Deste modo, a relação entre o pesquisado e o pesquisador não se caracteriza como simples exercício de observação do segundo pelo primeiro, mas tanto um quanto outro terminam por se identificar, principalmente quando os objetos se constituem em sujeitos sociais, o que possibilita, de certa forma, romper com a idéia de objeto.

Devido a impossibilidade de desenvolver contato com todos os sujeitos que possuem deficiência visual é que optou-se por trabalhar com amostragem que apresenta a vantagem da existência de similaridade suficiente entre os elementos de

uma população, de forma que um número reduzido de sujeitos representarão adequadamente as características de um grupo maior. A amostragem adotada foi a não probabilística que segundo Mattar (2005) e Schiffman e Kanuk (2000), é aquela em que a escolha dos elementos da população depende em certa medida da ponderação do pesquisador. A caracterização dos sujeitos está contemplada no capítulo seguinte

Considerando a condição de baixa visão da pesquisadora, fez-se necessário o uso do computador portátil para que a mesma fizesse a leitura de textos e dos roteiros dos encontros. O computador portátil era equipado com o programa leitor de tela Jaws 9.0 for Windows.

O Jaws for Windows é considerado o leitor de tela mais popular do mundo, trabalha no sistema de forma a providenciar acesso às aplicações mais populares e à Internet. Com o sintetizador de voz interno e a placa de som do equipamento, a informação da tela é lida, permitindo o acesso a uma grande variedade de informação, aplicações de trabalho e educacionais. O JAWS também envia informações para linhas Braille, permitindo também acesso a esta tecnologia.

O termo de consentimento livre e esclarecido ficou sob a responsabilidade da funcionária da recepção do Centro de Reabilitação, Profissionalização e Convivência – CRPC da ACIC, o qual era lido pela funcionária citada e assinado pelos participantes (Apêndice A). Antes porém da disponibilização do termo para leitura e coleta de assinaturas, a pesquisadora forneceu todas as informações para os pesquisados e esclareceu dúvidas. Também foi assinado um termo por um dos responsáveis da ACIC, autorizando a divulgação do nome, imagem, endereço e das atividades e serviços oferecidos pela instituição, bem como, a utilização do espaço físico para a realização dos encontros (Apêndice B).

## CAPÍTULO 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS ENCONTROS

O cenário dos encontros correspondia a uma sala ampla com boa iluminação e bem ventilada, equipada com 25 cadeiras, localizada nas dependências da ACIC.

O cronograma das atividades que foi estabelecido com a instituição e programado junto com a professora/orientadora deste trabalho correspondeu à 6 encontros realizados nas datas de 20 de outubro, 03, 10, 17 e 24 de novembro, e 01 de dezembro do ano de 2010, sempre no horário das 09h45min. às 11h15min.

Participaram deste estudo 7 pessoas adultas entre 18 e 33 anos com deficiência visual, membros da Associação Catarinense para Integração do Cego - ACIC. Vale ressaltar ainda que, dos participantes cegos, 1 possui surdocegueira, que é a incapacidade total ou parcial dos sentidos da visão e da audição simultaneamente. Neste caso específico, a perda auditiva do sujeito é parcial, possibilitando a participação no grupo. Como essa condição não corresponde ao foco da pesquisa, não serão feitas explicações pormenorizadas a respeito do assunto. Os participantes estão identificados com nomes fictícios, para preservar-lhes a identidade, escolhidos pela própria pesquisadora, respeitando o gênero (masculino/feminino) de cada sujeito, conforme apresentado no quadro de identificação.

NOMES	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	DEFICIÊNCIA VISUAL
Andrey	Masculino	22	Cursando ensino médio	Baixa visão
Caetano	Masculino	27	Cursando ensino médio	Baixa visão
Ebraim	Masculino	18	Cursando ensino fundamental	Baixa visão
Jezabel	Feminino	25	Cursando ensino fundamental	Baixa visão
Manfredo	Masculino	33	Cursando ensino fundamental	Cegueira
Mansur	Masculino	18	Cursando ensino fundamental	Baixa visão
Samanta	Feminino	29	Ensino médio completo	Surdocegueira

Quadro 01: Identificação dos participantes da pesquisa

#### a. Primeiro encontro

O primeiro encontro objetiva apresentar aos participantes a proposta da realização da pesquisa, promover a integração entre eles e trabalhar o reconhecimento do eu.

O aquecimento é parte imprescindível do trabalho psicodramático por se tratar da preparação do indivíduo para a ação dramática. O aquecimento inespecífico que, segundo Martins (2005), é um conjunto de procedimentos destinados a centralizar a atenção da platéia, diminuir os estados de tensão e facilitar a interação, apresenta por objetivo colocar o grupo em atividade.

A Diretora iniciou com a explanação sobre a proposta da pesquisa, apresentando o tema e discorrendo brevemente sobre o que é o método psicodramático e sua aplicação com grupos. Surgiram muitas perguntas dos participantes sobre o psicodrama e sobre o trabalho do psicólogo, sendo elucidadas com linguagem clara e objetiva, para a compreensão de todos.

A preocupação e a ansiedade da Diretora marcaram a abertura do primeiro encontro pelo fato da presença de uma educanda surdocega e os cuidados que se deveria ter com ela. No início do encontro foi perguntado a ela se conseguia ouvir do lugar onde estava sentada. A resposta foi afirmativa, no entanto, falou que ouvia com dificuldade. Assim, foi convidada a sentar ao lado da Diretora.

Destaca-se que a insegurança é encontrada nas fases de desenvolvimento do papel, *role-taking* e *role-playing*. Sempre que a pessoa está no *role-taking*, adoção do papel, está lidando com a questão da insegurança que, conforme Datner (2006) e Gonçalves, Wolff e Almeida (1988), é a fase do desenvolvimento de um novo papel que corresponde a tomada de um papel pronto e inteiramente estabelecido, podendo o indivíduo apenas imitá-lo a partir dos modelos disponíveis. Não permite variação e nenhum grau de liberdade. Cabe apenas aceitá-lo, desempenhando-o da maneira já convencionada. Para Moreno, constitui-se produto acabado, conserva de papéis.

A insegurança também pode ser encontrada no início do *role-playing*. Sobre esta fase do desenvolvimento do papel, Gonçalves, Wolff e Almeida (1988) explicam que seu objetivo consiste em rever as normas, os conceitos, enfim, os papéis, tomados de forma acrítica e desenvolvê-los, utilizando o potencial criativo

dos sujeitos. Na medida em que propicia o contato mais profundo dos seres consigo mesmos, seus valores, suas emoções, permite a identificação e elaboração dos conflitos papel-pessoa, bem como a visão crítica destes papéis, identificando seus aspectos ultrapassados e inadequados. Oferece, enfim, um desenvolvimento de papel rico e compromissado com a realidade: o participante re-cria o papel dentro de si, enriquece-se e enriquece o papel. É agente transformador, desenvolvendo a espontaneidade dos indivíduos e da cultura.

A Diretora principiou a apresentação na posição sentada, e em determinado momento, levantou e continuou de pé. Entretanto, por mais que houvesse avisado para a educanda surdocega, não percebeu se com essa atitude não prejudicaria sua audição.

Em vários momentos era perguntado para ela se conseguia ouvir o que era falado, e as respostas eram afirmativas. Frisou-se que caso não conseguisse ouvir ou mesmo entender alguma coisa era para avisar, e ela concordou que faria isso se fosse necessário.

A esse respeito Moreno (2006) fala do papel do Diretor como agente terapêutico, esclarecendo que a responsabilidade final sobre os aspectos terapêuticos e estéticos de uma sessão recai sobre os seus ombros. Consiste em uma função de orientação geral. A tarefa é fazer com que os sujeitos atuem num nível de espontaneidade que beneficie o seu equilíbrio total e instigar a platéia a uma experiência catártica.

Em seguida, foi utilizada a técnica corporal chamada LABAN de Lucchiari (1993). Consiste em ficar de pé e atender aos comandos como: bater no corpo com tapinhas, primeiro pernas, joelhos e coxas, depois os braços, pescoço, cabeça e tronco, e com o auxílio dos outros participantes dar tapinhas nas costas um do outro.

A opção por um aquecimento corporal foi feita baseada na idéia de Bustos (2001) que considera o deslocar-se, o mover-se, por mais simples que seja o movimento, a forma mais efetiva de aquecimento. Porém, os participantes apresentaram certa resistência em levantar das cadeiras e cumprir com os comandos, correspondendo a etapa do *role-taking* que caracteriza o início do desenvolvimento de um novo papel como por exemplo o papel de membros desse grupo. Essa tensão inicial é esperada.

Conforme Gonçalves; Wolff e Almeida (1988), o *role-taking* consiste em imitar o papel, a partir dos modelos disponíveis, sem nele depositar muitas

características pessoais. Fantasias desenvolvidas que são expressas por meio de respostas de temores e inseguranças frente ao nascimento de um novo papel e sua exposição no grupo.

No momento da formação do círculo, houve dificuldade por parte da Diretora em explicar o procedimento. A esse respeito, Bustos (2001) assinala a importância do papel do diretor como condutor da ação, isto é, ele deve fazer primeiro, deve mostrar objetivamente como fazer, facilitando a execução da instrução por parte dos participantes. Quer dizer, no instante em que ela interviu realçando para o grupo o movimento a ser feito, mostrando junto com eles como formar o círculo e realizar a atividade, uniu o verbal com o experimental, possibilitando a realização por todos.

Como aquecimento específico utilizou-se o texto: o pote rachado (Anexo A), usando como disparador de aquecimento um estímulo auditivo, explorando o sentido da audição, considerando as características peculiares do grupo que era composto por pessoas com deficiência visual. Cukier (1992), explica que o aquecimento específico corresponde ao conjunto de procedimentos destinados a construção do papel, para que ocorra maior facilidade no seu desempenho. O intuito é penetrar no grupo no maior nível de espontaneidade possível.

No início da dramatização foi utilizado o jogo do eu profissional ideal que tinha por objetivo a promoção da reflexão do grupo sobre seu ideal profissional, qual a profissão que cada um gostaria de exercer no futuro. Consiste em um exercício projetivo que permite ao sujeito projetar-se no futuro com suas expectativas e fantasias. Segundo Dias (1996) e Martins (2005), a dramatização é a principal ferramenta do psicodrama para abordar aspectos dos relacionamentos interpessoais e dos fatores internos do sujeito. Favorece a experimentação emocional e permite a erupção de conflitos para que possam ser trabalhados.

A Diretora ficou sentada ao lado da educanda surdocega para que ela pudesse ouvir com tranquilidade. Todavia, não havia notado que talvez ela fosse ter dificuldade em ouvir os colegas. Na hipótese de não haver escutado as falas dos colegas, isso pode ter influenciado sua participação ao longo do encontro.

O quadro a seguir apresenta as escolhas dos participantes:

<b>NOMES</b>	<b>EU PROFISSIONAL IDEAL</b>
Andrey	Emprego na ACIC
Caetano	Assistente social
Ebraim	Psicólogo
Jezabel	Professora
Manfredo	Emprego na ACIC
Mansur	Advogado ou chefe de polícia
Samanta	Trabalhar em uma livraria

Quadro 02: Relação do eu profissional ideal dos participantes

Observou-se escolhas concretas e realistas na maioria dos casos, assim como, uma aparente identificação por atividades voltadas às pessoas com deficiência e mesmo ocupações dentro da própria instituição. A significação e a importância da ACIC na vida dos participantes pode ter influenciado nas escolhas e no estabelecimento daquilo que eles pretendem ser e realizar.

Considerando a importância de se manter o aquecimento no nível ótimo que, de acordo com Martins (2005), está relacionada com o fato de que propicia ao sujeito situar e focar a atenção em si mesmo, aquietando as resistências e o preparando para novas vivências, foi feito um rápido reaquecimento para que se pudesse passar para a próxima atividade. O reaquecimento era basicamente fazer uma massagem, na posição em pé, nos membros do corpo como pernas, joelhos, coxas, braços, mãos, etc. Todavia, percebeu-se que foge totalmente do controle da Diretora esse tipo de técnica, pois ela não tinha como visualizar se realmente eles estavam seguindo as orientações. Não existia nenhum sinal que indicasse que o grupo estava fazendo aquilo que era solicitado. É a questão da adequação da técnica ao contexto grupal.

O jogo do túnel do tempo profissional consistia no relato da história profissional dos membros do grupo. A ideia era trabalhar com cada educando individualmente, fazendo com que cada um refletisse e contasse como foi os últimos cinco anos de sua vida.

O jogo psicodramático foi trabalhado conforme regras definidas, possuindo um objetivo determinado e com jogadores aptos a participar, destacando a importância do estabelecimento de regras claras. A aplicação foi feita da seguinte maneira: cada participante era levado para o centro da sala. De pé, um ao lado do outro, Diretora e educando, desenvolviam a atividade que começava no ano de

2010, retrocedendo até chegar em 2005. A consigna era a seguinte: considerar que no local onde estavam posicionados na sala correspondia ao ano de 2010, e que a cada passo que fosse dado para trás, eles estariam regressando um ano, e o educando deveria relatar como ele estava profissionalmente. Ou seja, o intuito era traçar um panorama histórico de cada sujeito, no “como se” do contexto dramático

Os aspectos mais relevantes trazidos pelos educandos estão apresentados no quadro a seguir:

<b>ASPECTOS</b>	<b>NOMES</b>
Cursando ensino fundamental	Jezabel e Ebraim, Manfredo e Mansur
Cursando ensino médio	Andrey e Caetano
Freqüentando atividades na ACIC	Todos
Não estão trabalhando	Jezabel, Caetano, Ebraim, Manfredo e Mansur
Trabalhando	Samanta e Andrey
Praticando esporte	Andrey

Quadro 03: Relação dos aspectos apresentados no ano de 2010

Os educandos fizeram algumas considerações interessantes: Jezabel destacou que nesse ano sentia-se realizada por estar na ACIC, se reabilitando, e por ter conhecido seus colegas. O comentário da educanda destaca a importância da ACIC em sua vida, trazendo a sensação de realização e o contentamento por oportunizar novas amizades, ou seja, a possibilidade de ampliar sua rede social (sociometria).

Samanta esclareceu que o sentimento era bom, pois não pensava que era capaz de fazer tantas coisas. A consciência de suas capacidades é um fator determinante para o crescimento pessoal e profissional na trajetória dos educandos em reconhecer que são capazes para o exercício de atividades e para o trabalho. É a importância do reconhecimento do eu que possibilita ao sujeito o reconhecimento de si próprio, de sua identidade. Segundo Fonseca Filho (1980) é um processo de auto-conhecimento que com o passar do tempo vai se tornando mais sensível. Nessa fase o sujeito começa a jogar o seu próprio papel, existindo como individualidade.

O ano de 2009 foi marcado por inícios para boa parte dos educandos: Caetano e Manfredo estavam iniciando nas atividades da ACIC, Samanta começava



a trabalhar, Ebraim iniciava os estudos no ensino fundamental e Andrey no ensino médio.

Manfredo falou que um pouco antes de vir para a ACIC se sentia triste porque só ficava em casa, e quando chegou na instituição ficou feliz. Andrey já trabalhava e sentia-se “criando asas” porque havia saído do alojamento da ACIC e estava morando sozinho e estudando a noite. Caetano contou que estava se sentindo bem e feliz por estar aprendendo a mexer no computador e perceber que as pessoas cegas e com baixa visão podiam mexer com a informática.

Observa-se que a existência humana está fundada no viver em coletividade, que o sujeito se realiza pelo desempenho de papéis na sociedade e cada um se caracteriza por uma variedade de papéis que rege seu comportamento. Conforme Moreno (2006) a necessidade de desempenhar novos papéis está atrelada a questão da constituição do “eu”, pois o “eu” emerge do desempenhar de papéis. Quanto mais papéis o sujeito desempenha mais saudável ele é. O “eu” é a soma dos papéis. É a ampliação do “eu”. É o caso dos educandos citados acima, como Jezabel e Manfredo, assim como dos demais membros do grupo.

A alegria e o contentamento dos educandos estavam relacionados às possibilidades de avanço, decorrentes de estarem frequentando a instituição. É o reconhecimento de que apresentam capacidades para a realização de atividades, o perceber que podem ser responsáveis por suas vidas e a descoberta da independência e autonomia.

Referente ao ano de 2008 Manfredo falou que, como estava em casa, ajudava nos afazeres do dia-a-dia, e na maior parte do tempo escutava música. O sentimento era de tristeza por não ter o que fazer. E, completou dizendo que tal realidade estampou também os anos de 2007, 2006 e 2005.

Quando Manfredo fala sobre a tristeza de estar em casa, destaca a relevância do trabalho e o quanto o ingresso na instituição contribui para uma significativa mudança de vida. Isto porque, expande a possibilidade de experimentar novos papéis, de ampliar o seu cacho de papéis, Moreno (2006), e assim surge a oportunidade de perceber e descobrir a si próprio e o mundo que o rodeia. É o princípio de um momento marcado pela socialização. Participa de grupos, possui amigos, está circularizando, é a fase da circularização conforme Fonseca Filho (1980).

A oportunidade de participar de atividades e cursos, de estudar e conviver

com outras pessoas que possuem deficiência constitui no eixo para alavancar uma existência plena e de qualidade. A gama de papéis está sendo ampliada, gerando maior saúde psíquica para o indivíduo. De acordo com Moreno (2006), no desenvolvimento dos papéis o indivíduo vai incorporando e sendo inserido no mundo da realidade e da cultura, dos padrões de conduta, valores, deveres, etc. O desempenho de papel é uma experiência interpessoal, na qual vários sujeitos encontram-se implicados, constituindo-se, ao mesmo tempo, numa interação de estímulos e respostas. A espontaneidade e criatividade vão sendo desenvolvidas, beneficiando a existência humana com transformações saudáveis.

Andrey explicou que foi no ano de 2007 que descobriu o que é um trabalho de grupo e o que é ser jovem. Foi a partir daí, que começou a mudar sua maneira de pensar sobre a deficiência, pois até então ponderava que os cegos eram fechados. Falou também que o sentimento era de preocupação e ansiedade porque não queria voltar para casa. Tinha medo de que no período das férias da ACIC, ao retornar, a família não deixasse ele regressar para a entidade. A educanda Jezabel fala do sentimento ao ingressar na instituição, o aspecto positivo. Andrey destaca o aprendizado, a convivência em grupo e a mudança de perspectiva acerca das potencialidades das pessoas com deficiência. Traz a baila a questão da família e suas implicações na vida de alguém que possui deficiência.

A família aparece como um fator que pode obstruir o desenvolvimento das capacidades de uma pessoa com deficiência. Isto porque, no caso desses educandos, o núcleo familiar desconhece a realidade daqueles que possuem deficiência, encarando a deficiência como impossibilitador do crescimento e o obstáculo que impede uma vida independente e autônoma. Desta forma, acabam protegendo em excesso e não acreditando que são capazes de se desenvolverem.

Mansur, com relação ao sentimento, falou que estava triste por não conseguir aprender, pois na escola não eram oferecidos recursos que o auxiliassem com a baixa visão. Historicamente, de acordo com Aranha (2007), tem-se o paradigma de serviços que ignorava as limitações colocadas pelas deficiências, como se elas não existissem. Tal fato é tão discriminatório quanto exacerbar sua importância na vida do sujeito. Ao negar as limitações impostas pelas deficiências, o ambiente social se desobriga de oferecer condições e adaptações que são necessárias à participação desses sujeitos na sociedade.

O Paradigma de Suporte, conforme apresentado por Aranha (2007),

estabelece que a pessoa com deficiência possui o direito a conviver socialmente sem segregacionismo e com acesso aos recursos disponíveis a população. No entanto, para que isso aconteça existe a necessidade de suportes que são instrumentos que possibilitam a viabilidade e a garantia do legítimo acesso aos recursos oferecidos pela comunidade.

Outra barreira trazida pelos educandos é o ambiente escolar que não se encontra preparado para receber pessoas com deficiência. A inclusão é entendida como o movimento de matricular pessoas com deficiência no ensino regular, no entanto, se esquece de que é necessário oferecer condições para que o aluno com deficiência acompanhe as aulas de maneira igualitária aqueles que não possuem deficiência.

No ano de 2006 Jezabel encontrava-se em casa, ajudando com as atividades domésticas. Disse que sentia tristeza por não estudar, por não sair de casa e não poder conversar com ninguém, pois não lhe era permitido. Só ficava assistindo televisão. Andrey estava em casa e percebendo que a visão estava piorando, sentia-se muito mal, não saía quase de casa, não conversava com ninguém. Percebe-se o isolamento como característica marcante, ou seja, permaneciam a maior parte do tempo em casa, ajudando nos afazeres, sem estabelecer vínculos com o mundo lá fora. Com o intuito muitas vezes de proteger o sujeito com deficiência a família acaba por colocá-lo em uma “redoma de vidro”, impossibilitando-o de conhecer outras pessoas, outras realidades, experimentar sensações etc. Cria-se uma barreira invisível que impede as pessoas de fazer vínculos e instituir uma rede social, o que dificulta o desenvolvimento do ser humano.

Ebraim falou que ia para a escola, mas não conseguia aprender porque não enxergava o que estava escrito no quadro, e o sentimento era de tristeza por não conseguir acompanhar as aulas como os seus colegas. Mansur, por não ter um tratamento diferenciado na escola, adequado à condição de pessoa com deficiência visual, estava se sentindo triste. Não conseguir enxergar no quadro é uma condição que requer tratamento diferenciado e a utilização de recursos que auxiliem na aprendizagem. Porém, se as escolas não oferecerem condições adequadas, bem como profissionais da educação que atendam satisfatoriamente às necessidades de alunos com deficiência, torna-se inviável o aprendizado. Em conseqüência, os próprios alunos com deficiência por perceberem essa lacuna na educação tendem a

ficar desestimulados com o ensino. É a falta de sensibilidade empática por parte dos educadores de reconhecer as necessidades das pessoas com deficiência e de se colocar no lugar do outro. Segundo Gonçalves, Wolff e Almeida (1988), a empatia é a capacidade do sujeito de adentrar e compreender a outra pessoa.

O que se observa nos casos acima é a inexistência de suportes, que segundo Aranha (2007), deveria permitir aos sujeitos o pleno acesso aos recursos educacionais existentes por meio do oferecimento de instrumentos e de atendimentos que os auxiliassem. Ao não disponibilizar os suportes necessários torna-se difícil otimizar o potencial criativo que os conduza a uma existência de qualidade.

Salienta-se que o desenrolar do jogo foi de grande relevância para o conhecimento do universo de cada membro do grupo. Alguns exploravam ao máximo o momento, falando com riqueza de detalhes sua história e seus conflitos. Em contrapartida, outros procuravam ser objetivos e expondo somente o necessário. Moreno (2006) aponta o respeito que se deve ter com o grau de espontaneidade e criatividade de cada sujeito. As pessoas já nascem providas de espontaneidade e criatividade e que essa última é treinável. Existem pessoas que estão mais espontâneas e outras menos, isto porque, cada sujeito apresenta diferenças individuais que devem ser consideradas.

No compartilhar o grupo apresentou dificuldade em fazer o compartilhamento daquilo que estavam sentindo e pensando. Os comentários eram breves, evasivos e repetitivos. Isto porque, era o início da etapa do *role-taking*, o compartilhar era novo para eles e sempre que se começa uma atividade as pessoas se encontram mais tensas, e como se trata da tomada de um novo papel como integrantes do grupo, conforme Datner (2006), a tendência é de imitar modelos já existentes, ou seja, a pessoa se utiliza das experiências dos outros para o desenvolvimento desse novo papel.

A proposta de abrir o espaço para que os membros do grupo falassem sobre os sentimentos e pensamentos que emergiram com o trabalho, não foi plenamente alcançada. Talvez pelo adiantado da hora, que deixava os educandos ansiosos para encerrar, ou mesmo, por não haverem compreendido exatamente o que era para fazer. Ou ainda, como se trata do desenvolvimento de um novo papel os sujeitos ficam presos a padrões e cumprindo normas pré-estabelecidas, sendo menos espontâneos e criativos. Ainda assim, Cukier (1992) e Martins (2005)

afirmam que o compartilhar é a comunicação daquilo que se está sentindo em decorrência do trabalho realizado e destacam sua importância no jogo psicodramático.

Mansur disse que havia gostado de participar das atividades e relembrar os últimos anos de sua vida. Samanta falou que gostou de fazer a viagem ao túnel do tempo, apesar de não lembrar de todas as coisas que aconteceram.

A concretização e o desenvolvimento de um bom trabalho depende de um jeito particular e procedimentos específicos que possam orientar o desenrolar das atividades. Conforme Martins (2005), a sessão psicodramática por meio de suas etapas possibilita o estabelecimento de um trabalho bem definido e apropriado. Salienta-se que no primeiro encontro, assim como nos demais, foram utilizadas as 3 etapas da sessão psicodramática: aquecimento, dramatização e compartilhar.

Da mesma forma, os instrumentos da sessão psicodramática constituem elementos relevantes para a execução do trabalho. Segundo Gonçalves, Wolff e Almeida (1988), os instrumentos correspondem à particularidades do método psicodramático que auxiliam no desenvolvimento do trabalho. Nos 6 encontros a vivência dramática se deu no ambiente disponibilizado pela ACIC que de acordo com Martins (2005) é o cenário da sessão de psicodrama, isto é, o local da ação. O protagonista foi representado nos jogos psicodramáticos por cada participante, no momento em que cada um emergia para a ação dramática. No instante em que surgia um protagonista o restante dos membros do grupo constituíam o público. Os participantes também foram egos auxiliares, pois enquanto um deles protagonizava a ação os demais auxiliavam tanto a Diretora quanto o protagonista. No todo da sessão o protagonista era o grupo.

#### b. Segundo encontro

O segundo encontro objetiva promover o reconhecimento do tu e o reconhecimento do eu-isso, que seria o eu profissional, destacando-se a importância do conhecimento da matriz de identidade que, segundo Bustos (1990), é o local do nascimento, uma espécie de placenta social por meio da qual a criança se comunica

com o sistema social da progenitora, adicionando aos poucos aqueles que dela são mais próximos. Corresponde ao desenvolvimento da identidade do sujeito.

Como aquecimento inespecífico utilizou-se a técnica chamada *maior/menor* de Lucchiari (1993), que em posição confortável o grupo deveria prestar atenção à respiração. Ao contrário do encontro anterior, não foi percebida nenhuma resistência dos participantes. Porém, destaca-se que apesar do componente corporal, ou seja, da presença do movimento na atividade, o mesmo se dava sem levantar das cadeiras e deslocar-se. Tudo aconteceu com os participantes sentados em seus lugares.

Como aquecimento específico utilizou-se o texto: o vendedor de balões (Anexo B), e que devido ao recurso do computador, a leitura era vagarosa e com intervalos entre uma frase e outra.

Na dramatização o jogo dramático utilizado foi o da loja mágica, inspirado e fundamentado em Yozo (1996), no jogo dramático “bazar das emoções”, que ao ser proposto para os participantes obteve certa resistência, manifestada pelo silêncio do grupo e a inércia para iniciar a atividade, que segundo Cukier (1992), pode estar relacionada ao fato de não se ter obtido sucesso com o aquecimento. No entanto, depois que o primeiro participante se ofereceu para começar percebeu-se o afrouxamento da resistência, havendo uma mobilidade maior a cada um que visitava a loja.

A Diretora assume o papel de lojista. A loja está repleta de itens imaginários, de uma natureza não-física. Os itens não estão à venda mas podem ser obtidos por permuta, em troca de outros valores - a serem entregues pelos membros do grupo, individualmente. O objetivo é que um após outro, os membros do grupo se ofereçam para subir ao palco, entrando na loja em busca de uma ideia, um sonho, uma esperança, uma ambição. É importante ressaltar que na loja não se aceita dinheiro.

O quadro a seguir apresenta de forma concisa o resultado do jogo.

NOMES	ITENS DESEJADOS	ITENS EM TROCA
Andrey	Carro para pessoas com deficiência visual	—
	Sentimento de amar alguém	Abraço
		Passeio no parque
		Levar na sorveteria
		Sinceridade
		Carinho
		Amizade
		Respeito
Caetano	Amizade e Confiança	Confiança
		Sinceridade
		Respeito
		Várias festas
	Disponibilidade de tempo	
	Liberdade	Confiança
		Respeito
Diálogo		
Ebraim	Segurança para falar	Confiança
		Amizade
		Diálogo
		Freqüentar aulas de teatro
Jezabel	Liberdade	Carinho
		Confiança
		Diálogo
Samanta	Felicidade	Compreensão
		Diálogo
		Carinho
		Paciência
		Esperança
		Sinceridade

Quadro 04: Relação dos itens solicitados e ofertados à loja mágica

Andrey queria um carro para pessoas com deficiência visual. Ao ser dito que na loja mágica não teria esse item, porque um carro ele poderia encontrar numa loja real, a loja dos homens, ele questionou se encontraria na loja real um carro específico para pessoas com deficiência visual, ou seja, queria saber se no mercado

já existia carros para esse segmento da população. Percebe-se com a fala do educando a dificuldade que muitas pessoas apresentam em lidar com o imaginário. E ao pensar em algo do mundo real, o educando incita a reflexão sobre desejos e necessidades das pessoas com deficiência que muitas vezes a sociedade não corresponde. Depois, falou que queria sentimentos, pois admitiu não ter sentimentos por nada, não sabe o que é sentir. A Diretora perguntou que sentimento ele gostaria de levar da loja e respondeu que gostaria do sentimento de amar alguém. Andrey levantou alguns itens que daria em troca do sentimento de amar alguém e, apresentando dificuldade de negociar, recebeu a ajuda dos colegas que falaram sobre a importância da sinceridade para amar alguém, apontaram também a amizade, o respeito e confiança. Ele disse que teria tudo isso para oferecer. Um dos educandos interpretou que Andrey sabe o que é sentir e tem sentimentos. A questão é que não consegue distinguir quando está sentindo. Andrey admitiu que é fechado e não sabe em que momento pode tirar o que tem dentro, ou seja, expressar-se.

A dificuldade de compreender os próprios sentimentos, de expressar o que sente e a necessidade de amar alguém corresponde, segundo Fonseca Filho (1980), ao processo de reconhecimento do eu e do tu no qual o sujeito vai se reconhecendo como indivíduo, se apercebendo daquilo que existe em seu interior, de suas emoções e sensações, ao mesmo tempo que reconhece a presença do outro e da importância que essa pessoa possui para o seu crescimento e desenvolvimento.

Caetano disse que era difícil escolher o que queria da loja. Falou também que sentimento ele possui bastante. No entanto, declarou que apesar de ter bastante sentimentos, sempre precisa de mais. Então, disse que queria amizade e confiança, porque existem amigos com os quais perdeu contato, e em troca vai dar amizade. A Diretora questionou trocar amizade por amizade, e ele respondeu que trocar amizade por amizade seria a coisa certa. Em determinado momento, aproveitou para comentar sobre a diferença da amizade e do amor, dizendo que no amor é preciso oferecer mais do que na amizade. Contribuindo, um dos colegas destacou que para conseguir amizade e confiança a pessoa não pode ser egoísta.

A Diretora argumentou que a loja mágica estava precisando de disponibilidade de tempo para dedicar-se às amizades e conquistar a confiança. Então, Caetano disse que disponibilidade de tempo ele teria. Porém, o que não possuía seria a liberdade, pelo fato de estar casado. Sobre isso, explicou que o que



atrapalha é a pessoa ser ciumenta e insegura. O fato, segundo ele, é que ela, a esposa, não dá liberdade para ele se dedicar aos amigos. Ressaltou também que ela não confia nele por conhecer seu passado. Ainda assim, Caetano confirmou que irá continuar tentando adquirir sua liberdade, por meio do diálogo.

As questões trazidas pelo educando retratam momentos da Matriz de Identidade como o reconhecimento do eu e do tu que, conforme Fonseca Filho (1980), trata do movimento de individualização do sujeito a medida que vai reconhecendo a si próprio, tomando consciência dos seus sentimentos, e reconhecendo o mundo a sua volta, as outras pessoas e a relevância desse processo no desenvolvimento do sujeito. E também, a dificuldade apresentada no casamento está relacionada a um relacionamento em corredor que consiste numa relação entre o casal marcada pela exclusividade e possessividade, ou seja, ele não pode se relacionar com outras pessoas que não seja a própria esposa. É como se só existisse os dois e mais ninguém, pois a idéia dos outros aparece como prejuízo afetivo. Apesar da tentativa de uma negociação com a esposa, deixou claro que com o passar do tempo, se perceber que não está obtendo resultado, uma solução seria o fim do relacionamento.

Ebraim falou que precisava de segurança, porque não é uma pessoa segura. Explicou que não se sentia seguro para falar. Disse também que confia nas pessoas desconfiando. Explicou que costuma conhecer as pessoas, vai conversando aos poucos com elas, pois prefere escrever a falar. Declarou que falar nunca foi seu forte, que fica nervoso e ansioso para falar. Não sente-se com confiança para falar. Se não se sente confiante como irá dar a confiança que não tem? Perguntou a Diretora. Ele disse que só se sente seguro para falar quando conhece bem a pessoa com quem precisa falar.

O sentimento de insegurança diz respeito ao desenvolvimento de um novo papel, é o *role-playing* que segundo Gonçalves, Wolff e Almeida (1988), permite ao sujeito a ação de jogar papéis, visando o desenvolvimento de um papel criativo e espontâneo. O objetivo é rever normas e conceitos, possibilitando o desenvolvimento de papéis com base no potencial criativo do sujeito, um rico desenvolvimento baseado na realidade.

A Diretora esclareceu que muitas vezes é preciso falar com pessoas que não se conhece. E um dos colegas sugeriu aulas de teatro para que ele se solte mais. Ebraim disse que teatro não é com ele. Porém, depois admitiu que poderia

tentar, isto é, treinar a espontaneidade buscando resgatar o espontâneo perdido pelo sujeito ao longo da sua existência com a renovação das relações afetivas e da ação transformadora sobre o meio. Segundo Gonçalves, Wolff e Almeida (1988), é dar uma resposta adequada diante de uma nova situação.

Para Jezabel, o que está faltando é liberdade para sair com o namorado. Então, apresentou os itens que iria dar em troca.

E, a educanda Samanta chegou dizendo que quer felicidade. Ela disse que está faltando felicidade na sua relação com seus pais, porque eles não concordam muito com seu namoro.

A participação dos membros do grupo foi voluntária, um após outro visitava a loja. Os artigos negociados eram de ordem afetiva como: sentimento de amar alguém, amizade, liberdade, segurança e felicidade. Ao longo das transações, a platéia intervia com o intuito de ajudar o comprador.

O grupo apresentou uma participação considerável e satisfatória. Como a loja mágica se trata de um jogo psicodramático associado a fase do reconhecimento do eu, conforme Martins (2005), e do momento do EU E O OUTRO em Yozo (1996), deu-se o movimento dos participantes no sentido da percepção de si próprios e do outro, com uma destacável carga afetiva. Observou-se falas imitativas entre os educandos, como por exemplo: 2 participantes ofereceram o item respeito, 3 o item sinceridade, o item carinho e o item amizade, 4 participantes ofereceram o item confiança e 5 o item diálogo.

No compartilhar todos se manifestaram e fizeram comentários, relacionando o conteúdo trabalhado na loja mágica com os temas trazidos no aquecimento e com as emoções suscitadas, Cukier (1992), Martins (2005) e Yozo (1996). Era uma fala de si próprios, não era direcionada ao grupo, mas sempre voltada para a Diretora.

Andrey disse que foi bom participar da atividade, e acredita estar entendendo um pouco melhor o que é sentir e não sentir. Caetano disse que foi bom fazer a atividade, mas confessou que foi complicado. Sentiu-se como o balão preto, do texto: o vendedor de balões. Ou seja, sentiu-se preso, sem liberdade. Do mesmo modo, sentiu-se assim na atividade do aquecimento maior/menor. Comentou que ocupar o menor espaço foi mais difícil. Segundo ele, a sensação era de limitação, de falta de liberdade. Com relação ao seu casamento, explicou que talvez chegue um dia que não vai dar mais para conversar, então, a alternativa será terminar com o

relacionamento.

Samanta falou que quando ocupou o menor espaço na cadeira, na atividade maior/menor, lembrou dos homens que ficaram presos em uma mina no Chile. Segundo ela, é uma sensação ruim, de estar preso. Continuando o compartilhamento, Ebraim explicou que também se sentiu como o balão preto, preso, amarrado. Sublinhou que enquanto as outras pessoas falam pelos cotovelos, ele fica só ouvindo. Comentou também que negociar na loja mágica foi difícil. A dificuldade estava em encontrar o item certo que gostaria de levar da loja.

A dificuldade em escolher o item que iria levar da loja mágica configura sua dificuldade em reconhecer a si próprio, isto é, sua identidade. É a dificuldade no reconhecimento do eu que, de acordo com Fonseca Filho (1980), encontra-se na compreensão do sujeito acerca de si mesmo, da singularidade como pessoa.

Jezabel compartilhou que ocupar o menor espaço, no aquecimento maior/menor, foi difícil, sentiu-se como o balão preto, presa. Finalizou dizendo que estava se sentindo aliviada.

### c. Terceiro encontro

O terceiro encontro tem por finalidade trabalhar o reconhecimento do eu profissional, refletir sobre o fato de que para o desenvolvimento do papel profissional acontecer efetivamente é necessário empenho. Ou seja, para conquistar o que se almeja faz-se imperial o emprego de esforço e dedicação.

Como aquecimento inespecífico foi utilizado um exercício de visualização que visava aquecer o grupo para o trabalho, segundo Cukier (1992), com a utilização de um iniciador imaginativo. E realizou-se como aquecimento específico a leitura do texto: de olho nas metas (Anexo C). Na dramatização foi trabalhado o jogo dramático da loja profissional, que é uma versão adaptada da loja mágica, pois com a exploração da fantasia e da imaginação que se instiga a criatividade.

No contexto dramático é representada uma "Loja Profissional". a Diretora assume o papel de dona da loja, de uma loja que oferece profissões e ocupações. A loja está abarrotada de itens profissionais. Os itens não estão à venda mas podem ser obtidos por permuta, em troca de outros valores - a serem entregues pelos membros do grupo, individualmente. Um após outro, os membros do grupo oferecem-se para subir ao palco, entrando na loja em busca de uma profissão ou

ocupação. Aqui o tempo é subjetivo, não se vive a realidade temporal. A demarcação do espaço é fruto da imaginação, é trabalhar com o “como se”. Segundo Martins (2005) o “como se” é oriundo da capacidade imaginativa e de fantasiar de cada membro do grupo.

O jogo psicodramático contribui no esclarecimento do sujeito sobre si mesmo, que é o reconhecimento do eu, favorecendo o desenvolvimento de papéis. Oferece significado em diferentes níveis na vivência do sujeito. Conforme Cukier (1992), no jogo sonho, fantasia e imaginação se misturam numa realidade única, levando o protagonista a vivenciar emoções com a introdução de situações da realidade que, de acordo com Martins (2005), resulta no desenvolvimento de papéis psicodramáticos ou na representação dos papéis sociais. Os processos criativos se refletem no “faz de conta”, porque é no “como se” que os sujeitos (re)elaboram as experiências vividas no meio social, edificando novas realidades de acordo com seus desejos, necessidades e motivações.

A seguir, tem-se os itens escolhidos pelos participantes:

<b>NOMES</b>	<b>ITENS PROFISSIONAIS DESEJADOS</b>	<b>ITENS EM TROCA</b>
Jezabel	Emprego como vendedora em uma loja de roupas	Confiança
		Sinceridade
		Pontualidade
		Assiduidade
		Limpeza
		Organização
		Bom atendimento
Manfredo	Emprego na Instituição ACIC	Honestidade
		Pontualidade
		Disponibilidade de tempo
		Organização
		Currículo
Andrey	Profissão de professor de música	Pontualidade
		Boa transmissão dos conhecimentos
		Atendimento diferenciado
		Respeito ao próximo
		Concluir ensino médio
		Prestar vestibular

Continua

conclusão

<b>NOMES</b>	<b>ITENS PROFISSIONAIS DESEJADOS</b>	<b>ITENS EM TROCA</b>
Ebraim	Profissão de psicólogo	Concluir ensino fundamental
		Fazer ensino médio
		Prestar vestibular
Samanta	Emprego como vendedora em uma livraria	—
Mansur	Profissão de Direito	Estudar

Quadro 05: Relação dos itens solicitados e ofertados à loja profissional

Jezebel disse que desejava um emprego em uma loja de roupas para trabalhar como vendedora. Com base na atividade do “eu profissional ideal”, a Diretora lembrou-a de que na loja profissional, além do emprego de vendedora, existe também a profissão de professora. O objetivo era resgatar o eu profissional ideal trazido pela educanda no primeiro encontro. Ainda assim, a educanda declarou que naquele momento queria mesmo era um emprego de vendedora.

Andrey falou que quer um emprego de professor de música, e assim como fez com Jezebel, a Diretora lembrou-o que na loja também existe emprego na ACIC. Mesmo assim, ele insistiu com a idéia do emprego de professor, contando que a vaga de emprego na Instituição seria uma segunda opção. Resumidamente, ele deixou claro que desejava fazer alguma coisa com a música. Comentou também, que muitas pessoas acabam escolhendo uma profissão, uma faculdade, por haver mais vagas no mercado de trabalho e não porque gostam daquela profissão ou daquele curso.

Segundo Lucchiari (1993), o momento da escolha de uma profissão é carregado de angústia frente a incerteza a respeito do futuro profissional. A escolha profissional não acontece da mesma forma para todas as pessoas. O meio social apresenta influência nas escolhas individuais, sendo necessário considerar as peculiaridades sociais, históricas e econômicas que permeiam a escolha do indivíduo, que ora se apresenta cheio de oportunidades e ora sem perspectivas de ingresso no mercado de trabalho. Portanto, pensar a escolha profissional não se restringe aos aspectos do indivíduo, exige uma compreensão ampla tanto do sujeito que escolhe quanto do contexto social em que vive. Conforme Gonçalves, Wolff e Almeida (1988) e Martins (2005) o contexto social é caracterizado por normas e regras e por responsabilidades e comportamentos que são impostos aos sujeitos.

Ao chegar na loja profissional a educanda Samanta destacou que se fosse possível gostaria de trabalhar em uma livraria como vendedora. A Diretora perguntou a Samanta se com a cegueira ela iria conseguir vender livros. Ela comentou que pensa muito a respeito disso, se é viável, pois acredita que vender até se consegue, mas acha difícil que uma pessoa cega consiga encontrar os livros na livraria. Então, fez-se uma reflexão com a educanda e com o grupo, sobre o trabalho de um vendedor numa livraria, como é realizado o trabalho, e como tudo acontece e se existe a viabilidade de uma pessoa com deficiência visual desempenhar essa função.

A conscientização dos reais limites e potencialidades das pessoas com deficiência, proporcionando a construção de uma nova representação social sobre quem possui deficiência. O conhecimento daquilo que consegue ou não fazer e das adaptações que são necessárias para conseguir fazer. É o princípio da realidade direcionando a adaptação do homem ao real e ao social. A falta de compreensão sobre suas limitações acaba por produzir falhas em seu desenvolvimento pessoal e social, como ausência de resistência à frustração. Segundo Fonseca Filho (1980), na matriz de identidade trata-se da etapa da triangulação, melhor dizendo, da crise da triangulação.

A educanda disse que para encontrar os livros na livraria precisaria da ajuda de um outro vendedor. A possibilidade de se colocar um outro funcionário da livraria auxiliando a educanda foi posta em questão. Ou seja, até que ponto o empregador irá contratar duas funcionárias para fazer o trabalho de uma só.

Um dos colegas, na tentativa de encontrar uma solução, sugeriu que os títulos dos livros fossem colocados em Braille para que Samanta pudesse manuseá-los com autonomia. Então, o grupo iniciou uma reflexão sobre a colocação do Braille, se isso seria possível de se fazer na livraria.

Em muitos momentos a Diretora apresentou dificuldade em identificar os limites, ou seja, até onde poderia ir, como desenvolver a atividade sem ser invasiva e sem expor os participantes. Isto é, segundo Gonçalves, Wolff e Almeida (1996) e Martins (2005), o papel de Diretor e suas funções que estão sendo avaliadas, necessitando de aprimoramento.

A princípio o encontro estava dividido em dois momentos: no primeiro seria aplicado o jogo da loja profissional e no segundo o jogo dos quadrantes.

Porém, a loja profissional acabou ocupando todo o horário, não sendo possível realizar a aplicação dos quadrantes.

O jogo trabalhou a percepção de si e do outro, que de acordo com Martins (2005), Fonseca Filho (1980) e Yozo (1996), corresponde ao reconhecimento do eu profissional, segunda fase da Matriz de Identidade. No entanto, destaca-se que a participação do grupo não foi tão intensa quanto no encontro anterior. Considera-se que os aspectos afetivos estão mais emergentes, necessitando de atenção, mais do que os concernentes à questão profissional.

No compartilhar houve uma unanimidade do grupo em depor que gostaram da atividade e constatou-se um melhor aproveitamento dos participantes quanto ao tempo para falar sobre como estavam se sentindo e como foi a experiência vivenciada, diferentemente do início do trabalho em que estavam mais retraídos. Houve um visível crescimento do grupo em explorar o momento do compartilhar, confirmando a relevância dessa etapa no trabalho psicodramático. Existe uma maior familiarização dos educandos com o método psicodramático e conseqüentemente um avanço significativo dos mesmos.

#### d. Quarto encontro

A finalidade é trabalhar a situação dos participantes do grupo quanto à questão da maturidade, conhecer a estrutura familiar dos membros do grupo e sua influência sobre cada um, pensar sobre a importância do trabalho na vida das pessoas, e suas implicações sociais.

Com a dificuldade de administrar atividades corporais, pelo fato da Diretora não conseguir saber se o grupo está fazendo o que é solicitado, resolveu-se introduzir o elemento sonoro no aquecimento, com o objetivo de conseguir um controle maior do grupo. Então, realizou-se um aquecimento inespecífico corporal, com a solicitação de que os educandos caminhassem pela sala, contando as cadeiras com batidas (toc, toc). Nesse momento, não era permitido o verbal, a contagem seria feita mentalmente. Apesar de haver sido solicitado para baterem nas cadeiras, isso quase não aconteceu. Eles fizeram a contagem de forma silenciosa, com a exceção de alguns educandos que muito suavemente produziram os sons solicitados pela Diretora.

Como se tratava de uma atividade corporal com deslocamento pela sala,

foi preciso que os colegas com baixa visão auxiliassem a locomoção dos educandos com cegueira. No entanto, na hora a Diretora não refletiu sobre como os participantes cegos se sentiriam sendo conduzidos, isto porque, na sua experiência como aluna com deficiência visual do curso de psicodrama, muitas vezes, foi auxiliada por colegas e professores, não se sentindo nada confortável. Neste momento ocorre uma empatia. Segundo Moreno (2006) e Martins (2005), é a capacidade para reconhecer ou compreender o estado de espírito ou a emoção do outro. Caracteriza-se como a capacidade de colocar-se no lugar da outra pessoa. Primeiramente ocorre a tomada ou a adoção do papel do outro para em seguida haver a inversão concomitante dos papéis que é a capacidade de obter um relacionamento humano mútuo e recíproco. Constitui-se em um sinal de saúde psicológica e maturidade.

Como aquecimento específico efetuou-se a leitura de um texto, de autor desconhecido, intitulado: Acreditar e Agir (Anexo D). Sendo finalizada com a elaboração de alguns questionamentos para reflexão.

Na dramatização o jogo dos quadrantes tratava de uma atividade que visava levantar a reflexão sobre o movimento de descoberta do mundo, que era simbolizada pela chegada dos educandos na ACIC, e sobre as perspectivas do descobrimento do mundo profissional, isto é, investigar o que deve ter no mundo do trabalho que ainda não se conhece, conforme segue:

<b>1º Quadrante</b>	Representa o mundo antes da ACIC, busca examinar como era esse mundo. Aqui, o que limita não é a falta da visão, mas o desconhecimento, a falta de informação sobre as possibilidades das pessoas com deficiência visual
<b>2º Quadrante</b>	Representa o mundo na ACIC. Como é o mundo na instituição, onde a visão de homem e de vida é ampliada, e encontra-se cheio de possibilidades. O conhecimento sobre as potencialidades das pessoas com deficiência expande a compreensão
<b>3º Quadrante</b>	Representa o mundo sem trabalho, ou seja, como é estar sem trabalhar. A limitação nessa fase é a falta de conhecimento das possibilidades oferecidas pelo mundo profissional e não as limitações impostas pela deficiência
<b>4º Quadrante</b>	Representa o mundo profissional. Imaginar-se trabalhando, e perceber como é o mundo do trabalho



A Diretora fez uma explicação sobre a figura do quadrado, formado por quatro quadrantes, e determinando o que significava cada um. Explicar o jogo dos quadrantes não foi tarefa fácil. Principalmente, fazer entender a localização espacial de cada quadrado. Ainda mais, considerando que existem dois educandos cegos no grupo, e por consequência, usando um tempo maior do que o previsto para a atividade.

Para o melhor entendimento da educanda surdocega, a Diretora levou-a juntamente consigo, para no espaço da sala mostrar os quadrantes. Resolveu também conduzi-la para todos os lugares onde ia na sala, pois como a atividade envolvia o aspecto corporal, ou seja, eles precisavam se deslocar fisicamente de um quadrante para o outro, sendo a alternativa mais adequada. Então, Diretora e educanda acompanhavam os outros participantes durante todo o jogo para ampliar sua audição. Isto significa se colocar no lugar do outro e compreender sua situação. Segundo Gonçalves, Wolff e Almeida (1988), o movimento de ocupar a posição de alguém para compreendê-lo é a sensibilidade empática.

### **Mundo antes da ACIC**

Para todos os participantes o mundo antes da ACIC estava restrito a: assistir TV, ouvir música, ir para a escola (passando de ano apenas por passar), ficar em casa e ajudar com as tarefas diárias, lavando roupa, lavando louça, ajudando a mãe nos serviços da casa, escutando rádio e atividades afins.

Os participantes do grupo encontravam-se em casa, restritos as atividades descritas acima. O que proporcionava certo movimento era a presença da música. O elemento som. Era uma fase da vida caracterizada por limitações. Percebe-se que a família apresenta forte influência na construção da visão de homem e mundo. A proteção se dá em função da falta de conhecimento e de informação sobre as reais condições e potenciais das pessoas com deficiência. A pessoa com deficiência é considerada frágil e incapaz de realizações autônomas, estando sempre alguém por perto para auxiliar, é a figura do ego auxiliar que, de acordo com Gonçalves, Wolff e Almeida (1988), é semelhante a capacidade da mãe de exercer as capacidades de perceber, conhecer, discriminar, juízo crítico, etc. O acompanhar implica em pensar junto, uma ajuda na percepção da realidade interna e externa por parte do sujeito, visando uma melhor adequação a realidade.

Percebe-se também que a pessoa com deficiência não apresenta autonomia para decidir sobre sua própria vida. É considerado incapaz para constituir uma família, para conceber filhos, para cuidar de uma casa e cuidar de si próprio, para trabalhar e estudar. Não possui incentivo e motivação dos familiares, servindo apenas para ajudar nas tarefas da casa. O futuro não acena com possibilidades de crescimento e desenvolvimento.

A vida escolar parece ser uma praxe. Uma conserva cultural que é causadora da repressão da criatividade. Conforme Fonseca Filho (1980), as conservas culturais são padrões comportamentais estereotipados, com valores e formas predeterminados de participação na vida social, que geram a automatização do ser humano, além de se constituírem em obstáculos à espontaneidade. E segundo Martins (2005) são definidas como aspectos “sacralizados” da cultura, guardados zelosamente.

O panorama é estéril para o desenvolvimento de capacidades. O resultado é a existência de pessoas com deficiência na idade adulta desprovidos de bagagem educacional sólida e estrutura emocional desenvolvida. A desesperança e a tristeza acompanhavam as pessoas com deficiência que são tolhidas da possibilidade de crescimento pessoal, sendo destinadas a conviver no microcosmos de suas casas e limitadas ao convívio dos familiares. A autonomia e independência são utopias.

Destaca-se que o existir humano é um viver em coletividade. O indivíduo se realiza pelo desempenho de papéis na sociedade. Considerando que os papéis não emergem do “eu” e sim o “eu” é quem emerge dos papéis. Martins (2005) e Bustos (1990) apontam que é no desempenho dos papéis que se desenvolvem os vínculos que os conjugam e os integram. Portanto, o “eu” inteiro e integrado depende do desenvolvimento dos vínculos. Os três papéis definidos por Moreno, desdobrando-se em aglomerados ou “cachos” correspondem aos papéis precursores do “eu”, constituindo parcelas do “eu” por meio dos papéis psicossomáticos, psicodramáticos e sociais. O *role-playing* proporciona ao sujeito uma visão do ponto de vista de outras pessoas, ao atuar no papel dos outros, seja em cena ou na vida real.

## Mundo da ACIC

O grupo aponta grande diferença: um dos educandos disse que era só felicidades, o grupo descobre coisas novas a começar pelo esporte, pensando no futuro, terminar os estudos, casar, ter a casa própria, morar sozinho, viver o amor e a paixão. A idéia do futuro mudou, a companhia dos colegas, pegar o ônibus sozinho, começou a entender que as pessoas com deficiência podem fazer as coisas, segundo informações colhidas.

Observa-se que o desenvolvimento das capacidades promove a descoberta da vida. A visão de homem e mundo é ampliada. A pessoa com deficiência se torna autônoma no desenvolvimento de papéis. Surgem os objetivos, e talvez quando alguns educandos apontam como metas para o futuro o desejo de viver sozinhos, pode estar relacionado com a experiência anterior de quando encontravam-se em casa. É como uma forma de evitar que a história se repita.

A espontaneidade, de acordo com Moreno (2006), é uma forma de energia não economizável, é a capacidade natural do indivíduo. Possibilita ao sujeito responder adequadamente às diferentes situações com que se depara. Segundo Martins (2005), deve ser liberada em cada situação vivida, pois é considerada elemento catalizador da criatividade, proporcionando realização humana máxima. É definida como a capacidade de responder de forma nova às situações antigas. Espontaneidade, criatividade e sensibilidade seriam recursos inatos do ser humano, que desde o início, estariam acompanhados tanto de fatores favoráveis ao seu desenvolvimento, quanto de tendências destrutivas, entre elas estariam as conservas culturais.

Entende-se também que a convivência com outras pessoas que possuem deficiência contribui para a mudança de perspectiva. Ao observar pessoas com deficiência executando atividades com maestria, trabalhando, vivendo de forma independente e criando oportunidades e superando desafios, desperta a convicção de que podem fazer o mesmo. Um servindo como espelho para o outro.

Gonçalves; Wolff e Almeida (1988) colocam que a tomada do papel ou adoção do papel, o *role-taking*, não permite variação e nenhum grau de liberdade. Cabe apenas aceitá-lo, desempenhando-o da maneira já convencional, pois se trata de um papel já pronto e inteiramente estabelecido, podendo o indivíduo apenas imitá-lo a partir dos modelos disponíveis.

Para Martins (2005) e Moreno (2006), a empatia é a captação, pela sensibilidade dos sentimentos e emoções de alguém ou contidas, de alguma forma, em um objeto. Assim, Moreno escreveu certa vez que o fenômeno tele é a empatia ocorrendo em duas direções. A empatia ocorre em um único sentido. O indivíduo com sensibilidade empática pode penetrar e compreender o outro, mas não está necessariamente numa situação de mutualidade. Sobre a inversão de papéis, Fonseca Filho (1980), diz que representa a culminância do processo de desenvolvimento do “eu” e constitui a base psicológica para todos os processos de desempenho de papéis e para fenômenos como imitação, identificação, projeção e transferência. Inverter e desempenhar o papel do outro, não surge de súbito nem ocorre nos primeiros meses de vida. Somente com a integração dos papéis precursores, o sujeito dispõe de uma identidade que lhe permitirá relacionar-se com outras pessoas

### **Mundo antes do trabalho**

Os membros do grupo relataram estar fazendo cursos, aprendendo a como se comportar no trabalho, como obedecer ordens, chegar e sair na hora certa, deixar tudo organizado no local de trabalho, ter responsabilidade, escutar o que as pessoas dizem, pensar que deveria fazer o que era dito.

No *role-taking* o indivíduo assume a escolha que, segundo Gonçalves, Wolff e Almeida (1988), é a fase preparatória, onde a maioria dos integrantes do grupo se encontram. É a “tomada de papel” como pessoas capazes para o trabalho e para a construção de um futuro de possibilidades e uma vida de qualidade. Os exemplos são fundamentais. É no *role-playing* que ele vivencia o papel.

Os aspectos culturais e sociais se apresentam como determinantes na vida das pessoas com deficiência. Dependendo do meio onde vivem, da cultura regente e da classe social a qual pertence, a sua criação será diferente.

### **Mundo do trabalho**

O mundo do trabalho ficou colocado por: estar adaptado, ganhar confiança, possuir a chave da sala onde trabalha, assumir determinadas

responsabilidades ampliando a visão de mundo, poder chegar e ligar o computador sem esperar por ninguém, morar sozinho, fazer amigos.

Cabe mencionar, segundo Moreno (2006), que o “eu” é revelado pelo desempenho de papéis. A estruturação e o fortalecimento do “eu” possibilita a constituição da personalidade, a percepção de si próprio como uma unidade que vai se tornando mais complexa com o passar do tempo. O sujeito surge ao mesmo tempo em que produz o mundo. A realidade não existe independente e separada do sujeito, ela é co-construída por agentes que habitam o fenômeno, dentro das possibilidades estruturais e funcionais de cada agente. O indivíduo vai se constituindo enquanto ser humano, um ser no mundo, no social, como agente social, como co-construtores do Universo, um membro ativo na sociedade. Dessa maneira o *acontecimento relacional* que fundamenta a constituição das realidades intra e intersíquicas se apóia na *complementaridade* de papéis, na *interdependência* e *indissociabilidade* entre sujeito e fenômeno, embora cada qual permaneça irredutível em relação ao outro.

Na teoria psicodramática o desenvolvimento humano vai se organizando por meio do relacionamento do bebê com os outros, via desempenho de papéis (*role-playing*), o qual ocorre nos planos fisiológico, psicológico e social. A partir dessas áreas vão se organizando conjuntos mais ou menos estáveis de formas de ser, os “eus” parciais corporal, familiar e social. Muitas vezes esses “eus” parciais funcionam com harmonia, mas também podem apresentar contradições entre si, já que o “eu” total é constituído por muitos papéis diversos. O “eu” se forma então, a partir do desempenho dos papéis e não ao contrário. (MORENO, 2006)

O jogo psicodramático, de acordo com Yozo (1996), propicia o desenvolvimento da capacidade criativa, espontaneidade e sociabilização do sujeito. Ocorre no contexto do “como se” e permite vivenciar situações semelhantes as da vida, numa atmosfera permissiva e de compreensão, desenvolvendo a espontaneidade e criatividade das pessoas, o que as levará a descobrir novas formas de atuação. Favorecem a reflexão sobre de que forma as pessoas estão atuando no momento presente, a necessidade de mudar e as alternativas possíveis. A importância do jogo como facilitador para eles se darem conta de como era antes e como está agora.

No compartilhamento a maioria das pessoas assinalou que: foi ótimo compartilhar algumas coisas com os colegas, que cada pessoa tem uma história de

vida diferente, que tem aspectos que são iguais entre os colegas, como no mundo antes da ACIC que a maioria vivia em casa. Por fim, a educanda Samanta comentou que foi bom. Salientou que no começo as pessoas com deficiência acham que não vão conseguir fazer nada. Então, quando chegam na ACIC percebem o quanto é possível aprender.

#### e. Quinto encontro

O intuito é trabalhar o desenvolvimento da espontaneidade e criatividade

No aquecimento inespecífico foi utilizado um exercício corporal que consistia em arrumar e organizar a sala, dispondo as cadeiras no formato de um círculo. Foi solicitado aos educandos que enxergam (baixa visão) que auxiliassem verbalmente os colegas totalmente cegos, para que eles pudessem participar na arrumação e organização da sala, de maneira plena. A solicitação foi aceita por todos. A arrumação da sala, feita pelos próprios educandos foi satisfatória.

Passou-se para a atividade da caixa de surpresa como aquecimento específico. A descrição do objeto é a seguinte: uma pequena caixa vermelha com bolinhas brancas. No interior da caixa havia uma pedra de vidro, uma pilha palito e uma bolinha de plástico que possui um guizo em seu núcleo (o que provocava barulho). O intuito era fazer com que a caixa passasse de mão em mão, e cada participante poderia manuseá-la sem abrir, apenas sentindo o peso, o tamanho, e os ruídos provocados ao chacoalhá-la. Em seguida, cada um deveria dizer o que achava que tinha dentro da caixa.

O ser humano possui cinco sentidos: a visão, a audição, o tato, o olfato e o paladar. Na falta de um deles, os outros acabam sendo imprescindíveis no cotidiano de uma pessoa. É o caso das pessoas com deficiência visual, que, com a falta da visão, acabam buscando outras formas de interagir com o mundo. A audição é o sentido que melhor coloca o indivíduo dentro do mundo. Os estímulos sonoros são uma das principais fontes de contato com o ambiente; por isso a estimulação auditiva deverá ser realizada associando-se o som ao seu respectivo significado, a fim de evitar respostas repetitivas e automatizadas, tão prejudiciais à utilização da informação auditiva como meio de aprendizagem. A audição é um sentido de extrema importância para a pessoa cega porque através da localização e

discriminação dos sons ela seleciona pistas e pontos de referência que irão facilitar a sua orientação e mobilidade.

Na ausência da visão, as informações mais completas e confiáveis são obtidas através do sentido tátil - cinestésico. O tato associado à cinestesia, às sensações térmicas e à percepção básica permite à criança deficiente visual o reconhecimento, a localização e a discriminação do seu corpo e dos objetos que a cercam, estabelecendo, assim, uma efetiva interação com o seu meio.

Na dramatização foram realizados jogos para o desenvolvimento da espontaneidade e criatividade. Quando falamos em desenvolvimento humano, lembramos da manifestação da espontaneidade e criatividade do homem através das brincadeiras, ou seja, daquilo que acompanhou a vida da pessoa e de seu corpo vivo em seu crescimento. O jogo é visto como um fator positivo ligado à espontaneidade e criatividade.

A espontaneidade é despreziosa, podendo se mostrar presente na maneira de pensar, andar, encarar a natureza, dançar ou cantar no chuveiro de uma pessoa. Ocorre em grau maior ou menor, na maioria das atividades realizadas pelo sujeito. Mesmo em comportamentos relativamente habituais e automáticos pode haver uma semente de espontaneidade em potencial. Para Moreno (2006), a espontaneidade e a criatividade são ingredientes centrais no processo do psicodrama e do viver saudável. Ele define como uma nova resposta a uma antiga ou nova situação, considerando como “forma não-conservável de energia”. Uma resposta não precisa ser bem sucedida para ser espontânea, nem sua originalidade precisa ser evidente.

O primeiro exercício era para que os educandos falassem o maior número possível de palavras que começassem com a letra T. Foram proferidas 49 palavras. Na sequência, o exercício correspondia a relacionar todos os possíveis usos de um jornal. Os educandos relacionaram o número de 23 utilizações.

O próximo exercício solicitava que os participantes falassem o maior número possível de palavras começadas com as letras COM. O número alcançado foi de 37 palavras. Relacionar todas as possíveis coisas cortantes foi o próximo exercício. Encontraram 31 objetos. Logo em seguida, foi solicitado que os participantes relacionassem todos os usos possíveis de uma lâmina. O grupo atingiu o número de 20 possibilidades de uso.

A próxima atividade proposta consistia em atravessar de um lado da sala até o outro lado sem utilizar os dois pés. Os participantes precisariam utilizar de criatividade para pensar em formas de travessia, sendo que não era possível repetir o jeito de chegar até o outro lado.

O primeiro educando a atravessar foi pulando em um pé só, o pé esquerdo. Alguns questionaram que da forma como ele fez não poderia. Então, destacou-se que o que não poderia era usar os dois pés, no entanto, um pé apenas não teria problema. Os demais membros conseguiram fazer a travessia e em especial uma das educandas apresentou dificuldade, sendo auxiliada pelos colegas.

Na travessia de um lado ao outro da sala, os educandos precisavam descrever de que forma iriam atravessar. E além disso, a Diretora tinha que descrever minuciosamente para a educanda Samanta como os seus colegas estavam fazendo a travessia para que ela pudesse acompanhar o que acontecia. Ela própria foi a última a atravessar a sala. Foi surgindo uma angústia na Diretora, porque Samanta não se manifestava, mesmo com os colegas dando idéias para ela. Depois de muita fala é que ela atravessou a sala de cadeirinha, sendo carregada por dois dos seus colegas.

O último exercício do dia consistia em criar com uma folha de papel qualquer coisa que desejasse, como: dobradura, amassar e fazer bolinha, rasgar vários pedacinhos e fazer confete, etc. Após a criação, cada um deveria ofertar a sua obra a um dos colegas, como se fosse um presente.

A inclusão é um conjunto de meios e ações que combatem a exclusão aos benefícios da vida em sociedade e a interação e participação do grupo foi intensa numa manifestação de que estavam envolvidos com as atividades propostas.

Constata-se que o grupo estava mais integrado, com mais confiança, apresentando maior vínculo. O jogo dramático promove a espontaneidade e a criatividade, causando estimulação suficiente para que o sujeito transcenda a si mesmo no movimento de reconhecimento do eu, do tu e culminando em maior circularização. Dessa experiência surge um sujeito ativo e participativo dentro de uma totalidade, aparecendo o apoio e a confiança que permite a ele desenvolver-se.

No compartilhamento as manifestações gerais do grupo foram de alegria e descontração e as palavras ouvidas foram: legal, divertido, aprendizado, que foi



muito bom, ótimo, maravilhoso. O compartilhar foi mais rico que os anteriores, eles estão mais espontâneos, falando mais.

#### f. Sexto encontro

A finalidade consiste em avaliar o trabalho desenvolvido nos aspectos de crescimento pessoal e grupal, comparando com as expectativas do início do processo, e fazer o encerramento.

No aquecimento foi solicitado ao grupo para levantar e caminhar pela sala. Os educandos com cegueira foram acompanhados pelos colegas que possuem baixa visão. Enquanto os participantes caminhavam, a Diretora foi falando para eles refletirem mentalmente sobre como estavam se sentindo, como avaliavam o trabalho que havia sido realizado, etc.

Na dramatização foi utilizado o jogo do passado, presente e futuro baseado no livro *Pensando e Vivendo a Orientação Profissional* (1993), da autora Dulce Helena Penna Soares Lucchiari, onde os períodos eram representados por cadeiras, nas quais os educandos sentavam e falavam sobre sua experiência com o grupo.

**Cadeira do passado:** manifestar qual o sentimento antes de iniciar o trabalho, qual a expectativa antes da aplicação, o que imaginavam que seria?

**Cadeira do presente:** manifestar como estavam se sentindo naquele exato instante, com o trabalho sendo finalizado, qual era o sentimento?

**Cadeira do futuro:** Quais as expectativas para o dia de amanhã, o que estavam levando de bagagem de tudo o que foi trabalhado no grupo, como se imaginam no futuro?

#### **Cadeira do passado**

As manifestações do grupo foram as seguintes: auxiliar a conseguir um emprego, queria perder a vergonha, não sabia muito bem o que era essa história de papel profissional, tentar conhecer do que se tratava o tema, aprender mais sobre profissionalização, buscar alternativas de como se comportar no local de trabalho, aprender o que uma pessoa com deficiência poderia fazer, como se vestir e se comportar em uma entrevista de emprego, aprender como distinguir-se melhor nas

atividades cotidianas.

As manifestações oscilavam entre achar que seria um trabalho para aprender como se desenvolver mais na condição de pessoa com deficiência, ou seja, distrinchar-se para as questões corriqueiras do dia-a-dia como vestir roupas e como uma forma de sair de casa e que ao vir para o grupo iria desistir logo do trabalho. Não ter expectativa, achar que vai desistir. Imaginavam que iria se tratar de um trabalho voltado para o aprendizado de como se comportar no ambiente de trabalho e identificar o que é possível fazer no dia-a-dia laboral e o que não é permitido. Em outras palavras, eles acreditavam que seria uma espécie de oficina sobre aspectos práticos do cotidiano de um trabalhador inserido no mundo do trabalho.

### **Cadeira do presente**

Apresentavam consciência sobre os profissionais ideais apresentados no primeiro encontro, no jogo do eu profissional ideal.

Jezabel sentada na cadeira do presente, disse que se sentia realizada porque fez cursos que não imaginava que pudesse fazer. Falou também sobre as amizades, sobre as pessoas que conheceu e se relacionou. Destacou que o sentimento era de alegria por ter alcançado mais uma meta, porque dali para a frente quando aparecesse uma oportunidade de trabalho, já possuiria mais um item no currículo, que era a participação no grupo. Declarou também que continuava tendo por objetivo profissional trabalhar como professora. Aproveitou para compartilhar com os colegas que estava tudo certo para começar a trabalhar.

Na cadeira do presente, Ebraim disse que estava feliz porque a participação no grupo fez com que decidisse o que quer fazer da vida, o que comprova que a aplicação do jogo psicodramático contribui no processo de desenvolvimento do papel profissional de pessoas com deficiência visual. Antes do grupo pensava em várias alternativas de trabalho como pedreiro, massagista, entre outras coisas. Confessou que isso tudo mudou com a participação no trabalho de desenvolvimento do papel profissional, e continua desejando trabalhar como psicólogo.

O educando esclareceu que a participação no grupo foi crucial para sua escolha profissional, pois antes pensava em desenvolver determinadas funções e

somente com o trabalho do desenvolvimento do papel profissional é que decidiu que deseja ser psicólogo para trabalhar com pessoas com deficiência.

No grupo, ao iniciar o trabalho, falava mais ou menos, e agora, ao finalizar, está falando mais do que no início, concluindo que o grupo contribuiu com a superação da sua dificuldade.

Samanta sentada na cadeira do presente apontou que gostou muito de participar do grupo, que foi mais uma aprendizagem. Comentou também que tudo que é bom dura pouco, e continua desejando trabalhar com livros, no entanto, não mais como vendedora de livros. Percebe-se que ela avançou, se deu conta dos limites, saiu do plano da utopia e entrou para o plano do real – o jogo contribuiu para o reconhecimento do eu e do papel profissional)

A educanda que no início do trabalho desejava ser vendedora em uma livraria, finalizou reconhecendo as dificuldades de uma pessoa com deficiência visual desempenhar tal função e afirmando que pretende trabalhar com o mundo dos livros, mas em outra função que seja compatível a sua condição.

Manfredo na cadeira do presente sente-se realizado. Manfredo falou que as experiências das pessoas não são iguais e que foi bom poder compartilhar, ressaltou também que uns tem mais vivências e outros tem menos. Considerou que a troca de experiências é um aprendizado, e que pretende conseguir um estágio para ver como é, pois é curioso e deseja saber como funciona. Continua desejando trabalhar na instituição.

Mansur expôs que continuava tudo igual, não havendo nenhuma mudança. Porém, aclarou que aprendeu novos conhecimentos, e que continua querendo estudar Direito, para ser advogado, ou ser chefe de polícia. Disse também que gostou de trabalhar com o grupo.

Caetano disse que a experiência de participar do grupo foi boa, e que esclareceu muito. Falou ainda que continua desejando trabalhar com o serviço social.

A realização e o contentamento foram aspectos trazidos pelos educandos quando falaram sobre como estavam se sentindo no encerramento do trabalho. Destacaram a oportunidade de participar de um trabalho ao lado de outros colegas como um fator positivo. A sensação de estar concluindo mais um trabalho foi identificada como algo favorável. Afirmaram o aspecto do aprendizado e da oportunidade de trocar experiências uns com os outros.

## Cadeira do futuro

O grupo apontou como expectativas: trabalhar, fazer economia, comprar casa própria, conciliar o trabalho com os estudos, fazer cursos.

O futuro é encarado com otimismo e esperança, com projetos de vida bem determinados como trabalhar para adquirir bens e assegurar o dia de amanhã, estudar e se aprimorar. Percebe-se a preocupação com a questão da qualificação. A preocupação com a boa saúde também apareceu como expectativa de futuro, isto é, resolver o que não está bem para poder seguir com os outros planos.

No momento do compartilhar os educandos acabaram por transformar em um momento de despedida, no qual cada um deixou para o grupo uma mensagem. O quadro 06 apresenta as mensagens deixadas pelos participantes:

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>MENSAGEM</b>
<b>JEZABEL</b>	<i>É necessário ter força, vontade e aprendizagem</i>
<b>EBRAIM</b>	<i>Nunca se deve desistir, apesar dos problemas e que errar é humano, mas persistir no erro é burrice</i>
<b>SAMANTA</b>	<i>A pessoa tem que acreditar que é capaz e ter esperança que vai conseguir realizar tudo o que deseja</i>
<b>MANFREDO</b>	<i>Nunca se deve desistir, pois um dia pode conseguir</i>
<b>MANSUR</b>	<i>Para conseguir as coisas é necessário se esforçar</i>
<b>CAETANO</b>	<i>Sonhar é bom, mas é preciso seguir seus objetivos e não desistir</i>

Quadro 06: Mensagens dos educandos

A mensagem do grupo é de que é necessário coragem, persistência e disposição para se alcançar o que deseja e que existem problemas que podem ser resolvidos e transpostos, no entanto, eles devem servir como aprendizado para que não venham a acontecer novamente. Além disso, é preciso autoconfiança, ou seja, acreditar em si para tornar o que se quer uma realidade. É importante lançar objetivos e trabalhar para torná-los concretos com dedicação e esforço.

## **CAPÍTULO 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES**

A efetiva participação da pessoa com deficiência visual no ambiente social pautado pelo modo de produção capitalista passa pela oportunidade de estar incluída no contexto das relações de trabalho, de modo a promover sua autonomia e cidadania. Com base nisso, surgiu a idéia de trabalhar o desenvolvimento do papel profissional de pessoas com deficiência visual que tinha por direção o entendimento das contribuições do método psicodramático nesse processo. Nessa pesquisa, a atenção estava voltada para a compreensão de como a aplicação do jogo psicodramático pode contribuir no processo de desenvolvimento do papel profissional de pessoas com deficiência visual, sendo essa a questão norteadora do estudo.

Portanto, defendeu-se que aplicar os jogos psicodramáticos ao contexto de um grupo de pessoas com deficiência visual poderia contribuir com o maior envolvimento e comprometimento das pessoas quanto ao desenvolvimento de seu papel profissional, isso porque a proposta visava a uma revisão de valores, de crenças e de percepções que dificultam esse processo.

Ao final dos encontros observou-se uma mudança significativa na situação profissional dos participantes, que contribui para o entendimento do processo de desenvolvimento do papel profissional dos protagonistas da pesquisa. Isto é, no primeiro encontro haviam somente dois sujeitos do grupo que estavam trabalhando e no sexto e último encontro esse número aumentou para 4 sujeitos e um participante com entrevista de emprego agendada. Percebe-se que os educandos estão desenvolvendo seu papel profissional ao mesmo tempo que estão aprendendo a lidar com as questões próprias da deficiência e compreendendo esse universo que envolve família, educação, cultura e aspectos sociais.

Destaca-se a experiência da educanda Samanta que iniciou no grupo idealizando o trabalho como vendedora em uma livraria. No decorrer do processo questões referentes à viabilidade de determinadas profissões e ocupações vieram a tona, como é o caso de uma pessoa com deficiência visual trabalhar como vendedora em uma livraria que surgiu no jogo da loja profissional. A reflexão fez com que a educanda repensasse e chegasse a conclusão de que vender livros em uma

livraria não seria possível, mas que poderia vislumbrar outras possibilidades de atuação no mundo dos livros.

Com a aplicação do jogo psicodramático identificou-se avanços no desmanche de conservas culturais e o crescente movimento das pessoas no sentido de serem mais espontâneas e criativas. Os sujeitos avançaram com relação ao discernimento sobre seu universo interno, de seu conjunto de papéis, possibilitando a identificação de seus pontos fortes e fracos, suas habilidades e dificuldades, assim como a tomada de consciência sobre sua forma de pensar, sentir e agir. Com isso, as relações tendem a ser mais consistentes e sólidas e o reconhecimento das diferenças individuais entre eles, possibilitará maior respeito e a compreensão de que essas diferenças são complementares. Ou seja, contribuindo com o reconhecimento do eu e do tu.

O jogo psicodramático com sua aplicação a um grupo de pessoas com deficiência visual apresentou fatores que dificultaram o trabalho. Percebeu-se que apesar da gama de possibilidades de jogos que podem ser aplicados, o acervo torna-se restrito no momento em que se trata desse grupo específico, pois a maioria dos jogos trabalha com o aspecto visual. Considerando o tempo disponível para o trabalho, o local e os recursos acessados não foi possível desenvolver um número razoável de jogos que atendessem às necessidades da deficiência visual. Os sentidos remanescentes do tato, da audição e olfato foram pouco explorados em virtude do curto espaço cronológico para a realização da pesquisa. Seria necessário um planejamento detalhado e criterioso para se pensar em jogos que aludissem a falta da visão. Outra consideração diz respeito a condição da pesquisadora que também possui deficiência visual, corroborando com a dificuldade de harmonizar o fato do grupo ser dirigido por uma pessoa também desprovida do sentido da visão.

Ainda assim, acredita-se que o diferencial da pesquisa foi justamente a aplicação do jogo psicodramático ser realizada por uma pesquisadora que também possui deficiência visual, pois permitiu que as pessoas olhassem para si próprias e se assumissem como partes responsáveis no processo de desenvolvimento de seu papel profissional.

Buscou-se com a pesquisa a mobilização das pessoas para o desenvolvimento do papel profissional com a contribuição do jogo psicodramático, e considera-se que isso foi conseguido, o que não significa dizer que esse papel está totalmente desenvolvido, pois faltam investimentos em outras variáveis, que

escapam ao controle da pesquisadora. Numa compreensão à luz do Psicodrama o despertar para o desenvolvimento do papel profissional ocorreu e os participantes identificaram a possibilidade de desenvolver esse papel. Contudo, destaca-se que esse estudo identificou aspectos característicos desse processo de criação, o que implica dizer que a pesquisa precisaria ser ampliada para se alcançar o processo de crescimento e de desenvolvimento de determinada criação.

Os jogos aplicados foram considerados adequados por todos e, embora ainda necessitem de ajustes, as pessoas demonstraram satisfação em participar, pois eles possibilitaram um modo mais objetivo de pensar em suas características pessoais.

É oportuno destacar que toda pesquisa encontra algumas limitações para sua operacionalização. O pesquisador escolhe algumas variáveis para investigar, mas possivelmente outras ficam de fora, tendo em vista os limites relacionados a tempo, recursos, materiais, teorias envolvidas e número de participantes, entre outros. Com isso, fica aqui a recomendação de se fazer a pesquisa alterando outras variáveis e também que seja avaliada sua eficácia.

Outro fator considerado limitante da pesquisa foi o acompanhamento dos resultados que deveria ocorrer a longo prazo. Percebeu-se que seria indicado um estudo longitudinal para esse tipo de pesquisa.

É importante esclarecer que resultados diferentes poderão aparecer se a pesquisa for realizada com outro grupo de pessoas com deficiência visual que apresente características distintas das que foram pesquisadas.

O desenvolvimento da pesquisa constituiu-se como um desafio para a pesquisadora, uma vez que a proposta foi trabalhar o processo de desenvolvimento do papel profissional com um grupo de pessoas com deficiência visual, se utilizando dessa experiência para jogar o seu papel profissional de Diretora psicodramatista, o role-playing.

Considerando que existem especificidades inerentes a cada deficiência, ainda há muito o que se estudar, já que trabalhos científicos relativos às deficiências são escassos, principalmente trabalhos que buscam estudar as particularidades presentes no que concerne a cada categoria de deficiência. Portanto, é imprescindível que seja investigada as contribuições da aplicação do jogo psicodramático no processo de desenvolvimento do papel profissional nas diferentes

deficiências, quais sejam: deficiência intelectual, deficiência física, deficiência auditiva, deficiência visual e por fim, na deficiência múltipla.

É possível dizer que os objetivos propostos pela pesquisa foram alcançados, tanto que na apresentação e discussão dos encontros, observa-se que o conteúdo está direcionado para a especificidade dos objetivos. Além da sincronicidade entre as metas da pesquisa e o resultado final do trabalho, uma outra questão é relevante que diz respeito a satisfação obtida pela pesquisadora em realizar o estudo. O aprendizado com a elaboração da pesquisa ocorreu desde o início, com a escolha do tema, até o término, com a verificação de que os objetivos haviam sido atingidos, no entanto, aprender é muito mais que uma questão técnica. A oportunidade de estudar a aplicação do jogo psicodramático no processo de desenvolvimento do papel profissional de pessoas com deficiência visual fez com que houvesse uma transformação na forma de pensar a deficiência e a sociedade em geral, levando a um crescimento pessoal por meio do conhecimento das contribuições que o Psicodrama proporciona. Apesar de todas as dificuldades encontradas pelas pessoas com deficiência, é nítido o empenho em participar plenamente da sociedade em que vivem, chegando a emocionar pela coragem expressa em estar buscando o seu espaço no meio social, pois a beleza do ser humano está na superação dos seus próprios limites, e isso é visivelmente constatado na trajetória dos sujeitos com deficiência que crescem por meio das suas diferenças e acabam ensinando ao mundo que é possível aprender com aquilo que é desconhecido e diferente.



## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA EUROPÉIA PARA O DESENVOLVIMENTO EM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS. **Transição da escola para o emprego**: principais problemas, questões e opções encontradas pelos alunos com necessidades educativas especiais em 16 países europeus. relatório síntese, outubro, 2002.

AMARAL, Gilmar Silva. **Educação inclusiva**: um enfoque sobre a deficiência visual. Monografia (Especialização *Lato Sensu* em Gestão Educacional e Metodologia do Ensino Interdisciplinar – Curso de Pós-Graduação em Gestão Educacional e Metodologia do Ensino Interdisciplinar) Faculdade Dom Bosco, Cascavel, 2008.

AMARAL, L. A. **Deficiência**: questões conceituais e alguns desdobramentos. Cadernos de Psicologia, São Paulo, n. 1, 1996.

\_\_\_\_\_. **Sobre crocodilos e avestruzes**: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação In: **Diferenças e preconceito na escola**. São Paulo: Summus, 1998.

ARANHA, Maria Salete Fábio. **Trabalho e emprego**: instrumento de construção da identidade pessoal e social. Brasília: Coordenadoria para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência – CORDE, 2007.

ASSOCIAÇÃO CATARINENSE PARA INTEGRAÇÃO DO CEGO. Disponível em: <<http://www.acic.org.br>>. Acesso em: 18 out. 2010.

BRASIL. **Lei 8.213, de 24 de julho de 1991**. Dispões sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8213cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8213cons.htm)>. Acesso em 18 out. 2010.

BRUNS, M. A. T. **Deficiência visual e educação sexual**: a trajetória dos preconceitos - ontem e hoje. Revista Benjamin Constant, Rio de Janeiro, ano 6, n. 17, 2000.

BUSTOS, Dalmiro M. **Perigo... Amor a vista!** Drama e psicodrama de casais. São Paulo: Aleph, 1990.

CAIADO, Kátia Regina Moreno. **Aluno deficiente visual na escola**: lembranças e

depoimentos. São Paulo: Autores Associados, 2003.

CUKIER, Rosa. **Psicodrama bipessoal: sua técnica, seu terapeuta e seu paciente.** São Paulo: Ágora, 1992.

DATNER, Yvette. **Jogos para educação empresarial: jogos, jogos dramáticos, role-playing, jogos de empresa.** São Paulo: Ágora, 2006.

DIAS, Victor R. C. da Silva. **Sonhos e psicodrama interno na análise psicodramática.** São Paulo: Ágora, 1996.

DOMINGOS, Daiani. **A importância do lúdico no desenvolvimento infantil de crianças cegas.** Trabalho de Conclusão de Curso (Habilitação em Educação Especial – Curso de Apostilamento em Educação Especial) – Faculdades de Pinhais, Florianópolis, 2009.

FONSECA FILHO, José de Souza. **Psicodrama da loucura: correlações entre Buber e Moreno.** São Paulo: Ágora, 1980.

FREITAS, M. T. A. **A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa.** Cadernos de Pesquisa, Juiz de Fora, n. 116, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Débora M. **DST/AIDS e deficiência: um estudo sobre a vulnerabilidade de pessoas com deficiência visual.** Relatório de pesquisa (Graduação em Psicologia) – UNISUL, Palhoça, 2009.

GONÇALVES, Camila Salles; WOLFF, José Roberto; ALMEIDA, Wilson Castello. **Lições de psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno.** São Paulo: Ágora, 1988.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2000.** Disponível em: <<http://www.ibge.org.br/>>. Acesso em: 09 nov. 2010.

LUCCHIARI, Dulce Helena Penna Soares. **Pensando e vivendo a orientação profissional.** São Paulo: Summus, 1993.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Fabiane Silveira. **Mobilização das pessoas para a mudança organizacional possibilitada pelo psicodrama**. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção UFSC. Florianópolis: Tese de Doutorado – UFSC, 2005.

\_\_\_\_\_. **O psicodrama como método aplicado ao contexto universitário**. Florianópolis: Monografia (Curso de Formação de Psicodrama Foco Terapêutico) – LOCUS/PARTNER RH - FEBRAP, 2004.

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de marketing**. V. 1. São Paulo: Atlas, 2005.

MEDEIROS, Nadja. **A extinção da FEBEC e da UBC e o surgimento da ONCB**. Agosto de 2008. Disponível em: <<http://jornalismosocialinclusivo.blogspot.com/2008/08/extino-da-febec-e-da-ubc-e-o-surgimento.html>>. Acesso em: 13 maio 2011.

MENESCAL, Antônio João. **Definindo a cegueira e a visão subnormal**. Disponível em: <[www.ibcnet.org.br/Texto/CEGUEIRATXT/Artigo\\_03.htm](http://www.ibcnet.org.br/Texto/CEGUEIRATXT/Artigo_03.htm)>. Acesso em: 26 jun. 2004.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 2006.

NAFFAH NETO, Alfredo. **Paixões e questões de um terapeuta**. São Paulo: Ágora, 1989.

NERI, M. **Retratos da deficiência no Brasil**. Pesquisa realizada pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas. Programa Diversidade. Fundação Banco do Brasil. [s. n. t.], 2003.

RESENDE, Ana Paula Crosara de. VITAL, Flávia Maria de Paiva. **A convenção sobre direitos das pessoas com deficiência comentada**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2008.

SCHIFFMAN, L; KANUK, L. **Comportamento do consumidor**. LTC, 2000.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 7ª edição. São Paulo: Cortez,

1996.

VENTURA, Adilson. **Diversidade na educação: desafio para o novo milênio.** Trabalho não publicado, 2002<sup>a</sup>.

\_\_\_\_\_. **O Mercado de trabalho para as pessoas cegas de Santa Catarina.** Desafios e Obstáculos. Trabalho não publicado, 2002b

VIVARTA, Veet. **Mídia e deficiência.** Fundação Banco do Brasil, 2003.

YOZO, Ronaldo Yudi K. **100 jogos para grupos: uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas.** São Paulo: Ágora, 1996.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A – Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido (sujeitos da pesquisa)

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que estou ciente de que participarei da pesquisa intitulada “O processo de desenvolvimento do papel profissional de pessoas com deficiência visual e as contribuições da aplicação do psicodrama”, realizada pela acadêmica do Curso de Formação de Especialista em Psicodrama Foco Sócio-Educacional, oferecido pela escola de psicodrama LOCUS/PARTNER RH, Vanessa Tavares Wilke, orientada pela professora Márcia Pereira Bernardes.

O objetivo desse estudo é investigar os aspectos do Psicodrama que influenciam no desenvolvimento do papel profissional de pessoas com deficiência visual. O trabalho será realizado através da aplicação da metodologia psicodramática em um grupo de 07 (sete) pessoas com deficiência visual, educandos da Associação Catarinense para Integração do Cego - ACIC. Para tal fim, faz-se necessário a realização de 06 (seis) encontros com o grupo, com a duração de 01h30min para cada dia de trabalho, que acontecerão sempre às quartas-feiras, no período compreendido entre os meses de outubro e dezembro do ano de 2010, onde estarei participando de atividades que visam o desenvolvimento do meu papel profissional.

Afirmo que recebi, de maneira clara e objetiva, todos os esclarecimentos relacionados à pesquisa. Declaro também que:

- ( ) Concordo com a gravação dos encontros em áudio
- ( ) Não concordo com a gravação dos encontros em áudio

Todos os dados a meu respeito serão sigilosos, tenho ciência de que o acesso às informações será apenas efetuado pela pesquisadora e pela professora/orientadora. Os dados poderão ser utilizados para publicações em congressos, palestras e periódicos científicos, desde que resguardada minha identidade.

Estou ciente de que, para a realização do estudo, é necessário, apenas, disposição para participar das atividades propostas para os encontros. Os riscos e desconfortos que podem ocorrer nesse tipo de pesquisa são mínimos. Os benefícios e vantagens serão, em primeiro lugar, contribuição social para o desenvolvimento do conhecimento científico sobre intervenções em Psicologia e, em segundo lugar, reflexão a respeito desse assunto.

Declaro ainda que fui comunicado de que não sou obrigado a participar de todas as atividades dos encontros, que serão realizados nas dependências da Associação Catarinense para Integração do Cego - ACIC, localizada na Rodovia Virgílio Várzea, nº 1300, bairro Saco Grande, município de Florianópolis, e que posso me retirar da pesquisa a qualquer momento.

\_\_\_\_\_  
**NOME DO EDUCANDO PARTICIPANTE**  
Número do RG

Contatos da instituição de ensino: LOCUS/PARTNER RH  
Telefone: (48) 3222-1707  
E-mail: [locuspartner@locuspartner.com.br](mailto:locuspartner@locuspartner.com.br)

Contatos da pesquisadora: Vanessa Tavares Wilke  
Endereço: Avenida Mauro Ramos, nº 278, Residencial Diomício Freitas, Apto 1002, Centro – Florianópolis - SC  
Telefone: (48) 9937-8745  
E-mail: [nessawilke@yahoo.com.br](mailto:nessawilke@yahoo.com.br)

## **APÊNDICE B – Modelo de termo de consentimento livre e esclarecido (autorização da Entidade)**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Declaro que estou ciente e que autorizo a divulgação do nome, imagem, da descrição das atividades e serviços oferecidos, e do endereço da Associação Catarinense para Integração do Cego – ACIC na pesquisa intitulada “A aplicação do jogo dramático no processo de desenvolvimento do papel profissional de pessoas com deficiência visual”, realizada pela acadêmica do Curso de Formação de Especialista em Psicodrama Foco Sócio-Educacional, oferecido pela escola de psicodrama LOCUS/PARTNER RH, Vanessa Tavares Wilke, orientada pela professora Márcia Pereira Bernardes. Assim como, autorizo a realização dos encontros da pesquisadora com os educandos nas dependências da instituição, localizada na Rodovia Virgílio Várzea, nº 1300, bairro Saco Grande, município de Florianópolis, no período compreendido entre os meses de outubro e dezembro do ano de 2010.

---

**Assinatura do Responsável**  
**ASSOCIAÇÃO CATARINENSE PARA INTEGRAÇÃO DO CEGO**  
CNPJ: 83598136/0001-72

Contatos da instituição de ensino: LOCUS/PARTNER RH  
Telefone: (48) 3222-1707  
E-mail: [locuspartner@locuspartner.com.br](mailto:locuspartner@locuspartner.com.br)

Contatos da pesquisadora: Vanessa Tavares Wilke  
Endereço: Avenida Mauro Ramos, nº 278, Residencial Diomício Freitas, Apto 1002, Centro – Florianópolis - SC  
Telefone: (48) 9937-8745  
E-mail: [nessawilke@yahoo.com.br](mailto:nessawilke@yahoo.com.br)

## **ANEXOS**



## ANEXOS A – TEXTO UTILIZADO: O POTE RACHADO

### O POTE RACHADO

Um carregador de água na Índia levava dois potes grandes, ambos pendurados em cada ponta de uma vara, a qual ele carregava atravessada em seu pescoço.

Um dos potes tinha uma rachadura, enquanto o outro era perfeito e sempre chegava cheio de água no fim da longa jornada entre o poço e a casa do chefe; o pote rachado chegava apenas pela metade.

Foi assim por dois anos, diariamente, o carregador entregando um pote e meio de água na casa de seu chefe.

Claro, o pote perfeito estava orgulhoso de suas realizações. Porém, o pote rachado estava envergonhado de sua imperfeição, e sentindo-se miserável por ser capaz de realizar apenas a metade do que ele havia sido designado a fazer.

Após perceber que por dois anos havia sido uma falha amarga, o pote falou para o homem um dia à beira do poço.

- "Estou envergonhado, e quero pedir-lhe desculpas."

- "Por quê?" Perguntou o homem. "De que você está envergonhado?"

- "Nesses dois anos eu fui capaz de entregar apenas a metade da minha carga, porque essa rachadura no meu lado faz com que a água vaze por todo o caminho da casa de seu senhor. Por causa do meu defeito, você tem que fazer todo esse trabalho, e não ganha o salário completo dos seus esforços," disse o pote.

O homem ficou triste pela situação do velho pote, e com compaixão falou:

- "Quando retornarmos para a casa de meu senhor, quero que percebas as flores ao longo do caminho."

De fato, à medida que eles subiam a montanha, o velho pote rachado notou flores selvagens ao lado do caminho, e isto lhe deu certo ânimo. Mas ao fim da estrada, o pote ainda se sentia mal porque tinha vazado a metade, e de novo pediu desculpas ao homem por sua falha.

Disse o homem ao pote:

- "Você notou que pelo caminho só havia flores no seu lado. Eu ao conhecer o seu defeito, tirei vantagem dele. E lancei sementes de flores no seu lado do caminho, e cada dia enquanto voltávamos do poço, você as regava. Por dois anos eu pude colher estas lindas flores para ornamentar a mesa de meu senhor. Sem você ser do jeito que você é, ele não poderia ter esta beleza para dar graça à sua casa."

Cada um de nós temos nossos próprios e únicos defeitos. Se os reconhecemos, podemos usá-los ao nosso favor e das nossas fraquezas, podemos tirar forças e impulso para o nosso próprio desenvolvimento.

## ANEXOS B – TEXTO UTILIZADO: O VENDEDOR DE BALÕES

### O VENDEDOR DE BALÕES

Era uma vez um velho homem que vendia balões numa quermesse.

Evidentemente, o homem era um bom vendedor, pois deixou um balão vermelho soltar-se e elevar-se nos ares, atraindo, desse modo, uma multidão de jovens compradores de balões.

Havia ali perto um menino negro.

Estava observando o vendedor e, é claro apreciando os balões.

Depois de ter soltado o balão vermelho, o homem soltou um azul, depois um amarelo e finalmente um branco.

Todos foram subindo até sumirem de vista.

O menino, de olhar atento, seguia a cada um.

Ficava imaginando mil coisas...

Uma coisa o aborrecia, o homem não soltava o balão preto.

Então aproximou-se do vendedor e lhe perguntou:

- Moço, se o senhor soltasse o balão preto, ele subiria tanto quanto os outros?

O vendedor de balões sorriu compreensivamente para o menino, arrebitou a linha que prendia o balão preto e enquanto ele se elevava nos ares disse:

- Não é a cor, filho, é o que está dentro dele que o faz subir.

## ANEXOS C – TEXTO UTILIZADO: DE OLHO NAS METAS

### DE OLHO NAS METAS

Era uma vez um cocheiro que dirigia uma carroça cheia de abóboras.

A cada solavanco da carroça, ele olhava para trás e via que as abóboras estavam todas desarrumadas.

Então ele parava, descia e colocava-as novamente no lugar.

Mal reiniciava sua viagem, lá vinha outro solavanco e... tudo se desarrumava de novo.

Então ele começou a ficar desanimado e pensou:

"Jamais vou conseguir terminar minha viagem!

É impossível dirigir nesta estrada de terra, conservando as abóboras arrumadas!".

Quando estava assim pensando, passou à sua frente outra carroça cheia de abóboras, e ele observou que o cocheiro seguia em frente e nem olhava para trás: as abóboras que estavam desarrumadas organizavam-se sozinhas no próximo solavanco.

Foi quando ele compreendeu que, se colocasse a carroça em movimento na direção do local onde queria chegar, os próprios solavancos da carroça fariam com que as abóboras se acomodassem em seus devidos lugares.

Assim também é a nossa vida: quando paramos demais para olhar os problemas, perdemos tempo e nos distanciamos das nossas metas.

## ANEXOS D – TEXTO UTILIZADO: ACREDITAR E AGIR

### ACREDITAR E AGIR

Um viajante caminhava pelas margens de um grande lago de águas cristalinas.

E imaginava uma forma de chegar até o outro lado, onde era seu destino.

Suspirou profundamente enquanto tentava fixar o olhar no horizonte.

A voz de um homem de cabelos brancos quebrou o silêncio momentâneo, oferecendo-se para transportá-lo.

Era um barqueiro.

O pequeno barco envelhecido, no qual a travessia seria realizada, era provido de dois remos de madeira de carvalho.

O viajante olhou detidamente e percebeu o que pareciam ser letras em cada remo.

Ao colocar os pés empoeirados dentro do barco, observou que eram mesmo duas palavras.

Num dos remos estava entalhada a palavra acreditar e no outro agir.

Não podendo conter a curiosidade, perguntou a razão daqueles nomes originais dados aos remos.

O barqueiro pegou o remo, no qual estava escrito acreditar, e remou com toda força.

O barco, então, começou a dar voltas sem sair do lugar em que estava.

Em seguida, pegou o remo em que estava escrito agir e remou com todo vigor.

Novamente o barco girou em sentido oposto, sem ir adiante.

Finalmente, o velho barqueiro, segurando os dois remos, movimentou-os ao mesmo tempo e o barco, impulsionado por ambos os lados, navegou através das águas do lago, chegando calmamente à outra margem.

Então o barqueiro disse ao viajante:

- Este barco pode ser chamado de autoconfiança. E a margem é a meta que desejamos atingir.

- Para que o barco da autoconfiança navegue seguro e alcance a meta pretendida, é preciso que utilizemos os dois remos ao mesmo tempo e com a mesma intensidade: agir e acreditar.

E você? Está remando com firmeza para atingir a meta a que se propôs?